



- Charles de Foucauld interpela a Vida Religiosa, hoje
- “Para servir comandando e para comandar servindo. O exercício do poder na Vida Consagrada”
- O amadurecimento humano, a Vida Religiosa e a espiritualidade
- Fundadores e Fundadoras: homens e mulheres de Igreja ao serviço do Reino



Sumário

EDITORIAL	513
PALAVRA DO PAPA	515
INFORME CRB	520
ARTIGOS	526
Charles de Foucauld interpela a Vida Religiosa, hoje	526
FRATER HENRIQUE CRISTIANO JOSÉ MATOS, CMM	
"Para servir comandando e para comandar servindo. O exercício do poder na Vida Consagrada"	549
JOSÉ MARIA ARNAIZ, SM	
O amadurecimento humano, a Vida Religiosa e a espiritualidade	557
JOSÉ DEL-FRARO FILHO	
Fundadores e Fundadoras: homens e mulheres de Igreja ao serviço do Reino	568
MARIA CARMELITA DE FREITAS, FI	

A ilustração da capa da Convergência de 2007, do artista Anderson S. Pereira, MSC, foi inspirada no livro de Rute, no qual a mulher é protagonista do resgate da vida. A realidade de dor e esperança transpassa o corpo da mulher, símbolo da VRC inserida que vive o mistério de Deus encarnado.



CONVERGÊNCIA

Revista Mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB
ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrósio, DP

REDATOR RESPONSÁVEL

Pe. Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO

Coordenadora

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho Editorial

Ir. Aíla Luíza Pinheiro de Andrade, NJ
Pe. Francisco Taborda, SJ
Pe. Jaldemir Vitória, SJ
Pe. Cleto Caliman, SDB

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar
20038-900 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 2240-7299
Fax (21) 2240-4486
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e
Diversões Públicas do PDF
sob o nº P. 209/73

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura
Anual
para 2007

Brasil: R\$ 80,00

Exterior: US\$ 80,00 ou o correspondente em R\$ (Reais)

Números avulsos: R\$ 8,00 ou US\$ 8,00



Editorial

A Vida no Espírito

O ano de 2007 está quase chegando ao fim. Ele foi marcado pela Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e Caribenho de Aparecida. É tempo agora de passarmos seriamente à sua recepção. Fica na memória ainda a polêmica provocada pelas mudanças no texto aprovado no dia 31 de maio passado. Mas o texto como um todo não deve ficar esquecido na estante da biblioteca. Já é hora de deixarmos para trás o clima de desconfiança. Ele leva à paralisia. Repudiamos, sim, a "lambança" que foi feita no texto aprovado¹, mas agora o importante é prestar atenção na grande experiência espiritual que representa o evento "Aparecida".

O evento de Aparecida, como evento do Espírito, deve ser por nós apropriado de forma criativa em vista do bem de todo o povo de Deus no Continente. O texto como um todo aponta para uma *espiritualidade do discípulo missionário*. O centro dessa espiritualidade é a *vida plena*. Como tal ela é obra do Espírito do Senhor Ressuscitado. Gostaria de acentuar alguns elementos que explicitam essa espiritualidade:

primeiro, é uma espiritualidade atenta à *realidade*. Devemos estar sempre atentos ao *real* da vida dos nossos povos. O discípulo missionário não pode se descolar da realidade do povo, ficar alienado das exigências objetivas que são postuladas a partir da vida do povo. Essa é a condição para seguirmos juntos na peregrinação comum, para não nos distanciarmos daqueles para os quais, em nome de Jesus Cristo, professamos darmos do melhor de nossa vida para que tenham vida plena. Essa perspectiva corresponde à I parte do Documento de Aparecida: *A vida de nossos povos hoje*;

segundo, é uma espiritualidade que bebe da fonte que é *Jesus Cristo*. Sem essa ligação umbilical, o discípulo missionário fica sem a alimentação espiritual indispensável para a missão. Vira um "anorético" espiritual! Essa ligação estruturante da vida do discípulo traz alegria para nós; faz-nos apreciar a vocação como chamado à santidade; nos introduz na comunhão eclesial como decorrência daquela comunhão mais íntima com vida em Deus, por Cristo, no Espírito; por fim, ela deve ser renovada por uma formação continuada. Essa perspectiva

¹ Documento de Aparecida, Ed. CNBB, Paulus e Paulinas, 2007. Espero que na próxima edição lembrem-se de colocar o tema e o lema. Procurei na primeira edição, mas não encontrei.

corresponde à II parte do Documento de Aparecida: *A vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários*;

terceiro, é uma espiritualidade que nos abre para além de nossos quintais religiosos, para a *vida dos nossos povos*. O que está em jogo no mundo de hoje é a causa do Evangelho. Para que as nossas mais variadas tarefas estejam realmente orientadas para a evangelização, sejam realmente eficazes, é preciso que estejamos realmente atentos à missão evangelizadora. Essa é a tarefa essencial da Igreja. É a tarefa por excelência da Vida Consagrada. Como já afirmava Puebla, a Vida Consagrada evangeliza por ela mesma, pelo fato de ser vivida autenticamente, como expressão transparente da ligação com Cristo. Assim ela pode irradiar vida para os nossos povos. Essa é a perspectiva da terceira parte do Documento de Aparecida: *A vida de Jesus Cristo para os nossos povos*.

Para alimentar a nossa vida no Espírito, a Revista *Convergência* desse mês nos oferece um bom prato. São realmente artigos de excelente qualidade. Frater Henrique C. José Matos, cmm, nos brinda com *Charles de Foucoul* *interpela a Vida Religiosa hoje*. Oferece, em linhas globais, alguns traços da vida de Foucoul, os elementos centrais de sua espiritualidade e nos faz perceber a originalidade do seu carisma. Ele é um santo diferente, contemplativo no meio da massa, em busca de uma utopia: a "fraternidade universal" para além da diferença étnica ou religiosa.

José Maria Arnaiz, SM, vice-diretor da Revista *Testimonio*, faz uma reflexão sobre o

exercício da autoridade na vida consagrada: "*para servir comandando e para comandar servindo. O exercício do poder na vida consagrada*". Nesse artigo o Pe. Arnaiz nos diz que "o fio condutor desta reflexão é o convite a viver e a usar o poder de forma diferente e original, a fazer com que o poder seja transparente e bom, e que quem comanda seja quem tem maior capacidade de servir". Está aí o verdadeiro desafio do exercício da autoridade.

Como médico e psicanalista, José Del-Fraro Filho articula *O amadurecimento humano, a Vida Religiosa e a Espiritualidade*. Ele nos quer ajudar a compreender que "o cristianismo mostra a face de Deus através da pessoa e a humanidade de Jesus. Não conseguir ou não sentir o amor vindo de dentro e do outro é distanciar-se da experiência do amor de Deus por nós". Ou seja: o cuidado de si como pessoa é fundamental para sermos religiosos transparentes, capazes de uma comunicação verdadeira com os outros. A Vida Religiosa exige que sejamos pessoas "bem resolvidas".

Por fim, a Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI, nos lembra os nossos *Fundadores e Fundadoras: Homens e Mulheres de Igreja ao Serviço do Reino*. Faz-nos compreender que eles são "parábolas vivas do Evangelho e profetas da nova humanidade".

Caro leitor, cara leitora, desejo que você alimente bem a sua espiritualidade no dia-a-dia. Essa é uma condição sem a qual (*sine qua non*) colocamos em risco a eficácia de nossa presença evangelizadora no mundo, onde quer que estejamos. Bom proveito!



Palavra do Papa

Porquê um Sínodo sobre a Palavra de Deus

"O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos, o que tocamos com as nossas mãos, acerca do Verbo da Vida, é o que nós vos anunciamos. Porque a Vida manifestou-se e nós vimos e damos testemunho dela. Nós vos anunciamos a Vida eterna, que estava junto do Pai e nos foi manifestada. Nós vos anunciamos o que vimos e ouvimos, para que estejais também em união conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho, Jesus Cristo. E vos escrevemos tudo isto, para que a vossa alegria seja completa" (1Jo 1,1-4).

1. "No princípio era a Palavra" (Jo 1,1). "A Palavra do nosso Deus permanece eternamente" (Is 40,8). A Palavra de Deus abre a história com a criação do mundo e do homem: "Deus disse" (Gn 1,3.6ss.); proclama que o seu centro está na Encarnação do Filho, Jesus Cristo: "E o Verbo Se fez carne" (Jo 1,14), e fecha-a com a promessa certa do encontro com Ele numa vida sem fim: "Sim, Eu virei em breve" (Ap 22,20).

É a certeza suprema que o próprio Deus, no seu infinito amor, entende dar ao homem de todos os tempos, fazendo do

seu povo a sua testemunha. É esse grande mistério da Palavra como supremo dom de Deus que o Sínodo entende adorar, agradecer, meditar, anunciar à Igreja e a todos os povos.

2. O homem contemporâneo mostra de tantas maneiras que tem uma grande necessidade de ouvir Deus e falar com Ele. Nota-se, hoje, entre os cristãos uma abertura apaixonada para a *Palavra de Deus como fonte de vida* e graça de encontro do homem com o Senhor.

Não surpreende, portanto, que a essa abertura do homem responda Deus invisível, que, "na abundância do seu amor, fala aos homens como a amigos e conversa com eles, para os convidar e os receber em comunhão com Ele".¹ Esta generosa revelação de Deus é um contínuo acontecimento de graça.

Em tudo isto, vemos a *ação do Espírito Santo*, que através da Palavra quer renovar a vida e a missão da Igreja, chamando-a a uma constante conversão e enviando-a a anunciar o Evangelho a todos os homens, "para que todos tenham a vida e a tenham com abundância" (Jo 10,10).

¹ Conc. Œcum. Vat. II, Const. dogmatica de Divina Revelatione *Dei Verbum*, 2.

3. A Palavra de Deus tem o seu centro na pessoa de Cristo Senhor. A Igreja fez, ao longo dos séculos, uma *constante experiência e reflexão* do mistério da Palavra. “Que pensais ser a Sagrada Escritura senão a Palavra de Deus? É verdade que são muitas as palavras escritas pela pena dos profetas, mas a totalidade da Escritura é um único Verbo de Deus. Este único Verbo, os fiéis conceberam-no como semente de Deus, seu legítimo esposo, e, gerando-o com boca fecunda, converteram-no em sinais, ou seja, em letras, para fazê-la chegar até nós”.²

O Concílio Vaticano II, com a Constituição dogmática sobre a Divina Revelação *Dei Verbum*, compendia o Magistério solene da Igreja sobre a Palavra de Deus, expondo a sua doutrina e mostrando como praticá-la. A dita Constituição é, com efeito, o fruto de um longo caminho de amadurecimento e de aprofundamento, traçado pelas três Encíclicas *Providentissimus Deus* de Leão XIII, *Spiritus Paraclitus* de Bento XV e *Divino Afflante Spiritu* de Pio XII;³ um caminho que foi incrementado

A Igreja fez, ao longo dos séculos, uma constante experiência e reflexão do mistério da Palavra.

por uma exegese e teologia renovadas, enriquecido pela experiência espiritual dos fiéis e oportunamente reproposto no Sínodo dos Bispos de 1985⁴ e no *Catecismo da Igreja Católica*. Depois do Concílio, o Magistério da Igreja universal e local promoveu insistentemente o encontro com a Palavra, na convicção de que esta “trará à Igreja uma nova primavera espiritual”.⁵

A Assembléia Sinodal coloca-se, portanto, dentro do grande respiro da Palavra que Deus dirige ao seu povo, em estreita ligação com os precedentes Sínodos dos Bispos (1965-2006), uma vez que se refaz ao próprio fundamento da fé e se propõe atualizar no nosso tempo os

grandes testemunhos de encontro com a Palavra que encontramos no mundo bíblico (cf. *Jos 24; Ne 8; At 2*) e ao longo da história da Igreja.

4. *Mais especificamente*, o presente Sínodo, na continuação do precedente, quer realçar a intrínseca ligação da Eucaristia com a Palavra de Deus, uma vez que a Igreja tem de se alimentar com o único “Pão da vida da mesa quer da Palavra de Deus quer do

² Rupertus Abbas Tuitiensis, *De operibus Spiritus Sancti*, I, 6: SC 131, 72-74.

³ Cf. Leo XIII, Litt. Enc. *Providentissimus Deus* (18 novembris 1893): DS 1952 (3293); Benedictus XV, Litt. Enc. *Spiritus Paraclitus* (15 septembris 1920): AAS 12(1920), 385-422; Pius XII, Litt. Enc. *Divino afflante Spiritu* (30 septembris 1943): AAS 35(1943), 297-325.

⁴ Cf. Synodus Episcoporum, *Relatio finalis Synodi episcoporum Exeunte coetu secundo: Ecclesia sub verbo Dei mysteria Christi celebrans pro salute mundi* (7 decembris 1985): *Enchiridion del Sinodo dei Vescovi*, 1, Bologna 2005, 2733-2736.

⁵ Benedictus XVI, *Ad Conventum Internationalem La Sacra Scrittura nella vita della Chiesa* (16 septembris 2005): AAS 97 (2005), 957. Cf. Paulus VI, *Epistula Apostolica Summi Dei Verbum* (4 novembris 1963): AAS 55 (1963), 979-995; Ioannes Paulus II, *Audiência Geral* (22 maii 1985): *L'Osservatore Romano* edição em português (26 maii 1985), 20; *A interpretação autêntica da Sagrada Escritura* (23 aprilis 1993): *L'Osservatore Romano* edição em português (2 maii 1993), 6-7; Benedictus XVI, *Angelus* (6 novembris 2005): *L'Osservatore Romano* edição em português (12 novembris 2005), 1.

Corpo de Cristo".⁶ É essa a razão profunda e, ao mesmo tempo, o fim primário do Sínodo: encontrar em plenitude a Palavra de Deus no Senhor Jesus, presente na Escritura e na Eucaristia. Diz São Jerônimo: "A carne do Senhor é verdadeira comida e o seu sangue verdadeira bebida; é esse o verdadeiro bem que nos é reservado na vida presente: alimentar-nos da sua carne e beber o seu sangue, não só na Eucaristia, mas também na leitura da Sagrada Escritura. É, de fato, verdadeira comida e verdadeira bebida a Palavra de Deus que se obtém do conhecimento das Escrituras".⁷

Mas antes de prosseguir, é para perguntar, à distância de mais de 40 anos do Vaticano II, *que frutos* trouxe às nossas comunidades o documento conciliar *Dei Verbum*; qual a sua real aceitação. Não há dúvida que, em relação à Palavra de Deus, se obtiveram muitos resultados positivos no povo de Deus, tais como a renovação bíblica a nível litúrgico, teológico e catequético; a difusão e prática do Livro Sagrado através do apostolado bíblico e o impulso de comunidades e movimentos eclesiais; a crescente disponibilidade de instrumentos e subsídios da comunicação hodierna. Outros aspectos porém mantêm-se ainda *abertos e problemáticos*. São graves os fenômenos de ignorância e incerteza acerca da

São graves os fenômenos de ignorância e incerteza acerca da própria doutrina da Revelação e da Palavra de Deus; ainda é grande a distância que muitos cristãos têm em relação à Bíblia, e é constante o risco de um uso não correto da mesma; sem a verdade da Palavra, torna-se insidioso o relativismo do pensamento e da vida.

própria doutrina da Revelação e da Palavra de Deus; ainda é grande a distância que muitos cristãos têm em relação à Bíblia, e é constante o risco de um uso não correto da mesma; sem a verdade da Palavra, torna-se insidioso o relativismo do pensamento e da vida. Tornou-se urgente a necessidade de conhecer integralmente a fé da Igreja sobre a Palavra de Deus, de alargar com métodos adequados o encontro

com a Sagrada Escritura por parte de todos os cristãos e, ao mesmo tempo, acolher os novos caminhos que o Espírito hoje sugere, para que a Palavra de Deus, nas suas várias manifestações, seja conhecida, ouvida, amada, aprofundada e vivida na Igreja, e assim se torne Palavra de verdade e de amor para todos os homens.

5. *A finalidade* deste Sínodo é eminentemente pastoral: aprofundando as razões doutrinárias e deixando-se iluminar por elas, procura-se estender e reforçar a prática de encontro com a Palavra como fonte de vida nos diversos âmbitos da ex-

periência, propondo, para tal, aos cristãos e a todas as pessoas de boa vontade, caminhos justos e fáceis para poder escutar Deus e falar com Ele.

Concretamente, o Sínodo propõe-se, entre os seus objetivos, contribuir para esclarecer certos aspectos fundamentais da verdade

⁶ Conc. Œcum. Vat. II, Const. dogmatica de Divina Revelatione *Dei Verbum*, 21.

⁷ S. Hieronymus, *Commentarius in Ecclesiasten*, 313: CCL 72, 278.

sobre a Revelação, tais como a Palavra de Deus, a Tradição, a Bíblia, o Magistério, que justificam e asseguram um válido e eficaz caminho de fé; acender a estima e o amor profundo pela Sagrada Escritura, fazendo com que “os fiéis tenham amplo acesso” a ela;⁸ renovar a escuta da Palavra de Deus, no momento litúrgico e catequético, nomeadamente com o exercício da *Lectio Divina*, devidamente adaptada às várias circunstâncias; oferecer ao mundo dos pobres uma Palavra de consolação e de esperança.

O presente Sínodo quer, portanto, dar ao povo de Deus uma Palavra que seja pão. Daí que se proponha promover um correto exercício hermenêutico da Escritura, dando uma boa orientação ao necessário processo de evangelização e de inculturação; entende encorajar o diálogo ecumênico, estreitamente vinculado à escuta da Palavra de Deus; quer favorecer o confronto e o diálogo judeu-cristão⁹ e,

de uma maneira mais vasta, o diálogo inter-religioso e inter-cultural. O Sínodo entende realisar estes e outros objetivos, seguindo *três passagens*:

- a Revelação, a Palavra de Deus, a Igreja (cap. I),
- a Palavra de Deus na vida da Igreja (cap. II),
- a Palavra de Deus na missão da Igreja (cap. III).

Será assim possível associar os momentos fundante e operativo da Palavra de Deus na Igreja.

Os presentes *Lineamenta* não têm, portanto, a intenção de exprimir todas as razões e aplicações de encontro com a Palavra de Deus, mas, à luz do Vaticano II, apontar para as essenciais, *sublinhando em simultâneo o dado doutrinal e a experiência em ato* e convidando a dar ulteriores e específicos contributos.

⁸ Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogmatica de Divina Revelatione *Dei Verbum*, 22.

⁹ Cf. Pontificia Commissio Biblica, *Le peuple juif et ses Saintes Écritures dans la Bible chrétienne* (24 maii 2001): Enchiridion Vaticanum 20, Bologna 2004, pp. 507-835.

Discurso do Papa Bento XVI ao Conselho Ordinário da Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos

Prezados e venerados Irmãos

Obrigado pela vossa visita. Saúdo todos vós com carinho, a começar pelo Secretário-Geral do Sínodo dos Bispos, a quem agradeço as amáveis palavras que me dirigiu em nome de todos vós. Sob a sua orientação, reunistes-vos pela quinta vez com a finalidade de cumprir os deveres previstos a seguir à XI Assembléia Geral Ordinária e dar início à preparação para a próxima Assembléia. Recebo-vos com a saudação do Apóstolo das Nações, cuja extraordinária conversão comemoramos precisamente hoje: "Graça e paz vos sejam dadas da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo" (1Cor 1,3). Jesus é o supremo Pastor da Igreja, e é no seu nome e sob a sua ordem que nós temos o cuidado de velar sobre a grei com plena disponibilidade, até ao dom total das nossas existências.

A futura XII Assembléia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos terá como tema: "*A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*". A ninguém passa despercebida a importância deste tema que, de resto, é o resultado mais exigido por parte dos Pastores das Igrejas particulares. Trata-se de um tema desejado há muito tempo. E isto compreende-se facilmente porque a ação espiritual, que exprime e alimenta a vida e a missão da Igreja, se fundamenta necessariamente na Palavra de Deus. Além disso ela, destinada a todos os discípulos do Senhor como nos recordou a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos exige especiais veneração e obediência, a fim de que seja acolhida também como urgente exortação à plena comunhão entre os crentes em Cristo.

A propósito do tema supramencionado, trabalhastes com empenhamento e já chegastes

à fase final da redação dos *Lineamenta*, um documento que deseja corresponder à exigência, tão sentida pelos Pastores, de favorecer cada vez mais o contacto com a Palavra de Deus na meditação e na oração. Estou-vos grato pelo apreciado trabalho que, juntamente com a Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos e com um válido grupo de peritos, estais a levar a cabo. E considerarei muito interessante a breve exposição que Vossa Excelência me apresentou, da qual pude compreender quanto realizastes. Estou persuadido de que, quando forem publicados, os *Lineamenta* servirão como instrumento precioso para que toda a Igreja possa aprofundar a temática da próxima Assembléia sinodal. Formulo cordiais bons votos a fim de que isto contribua para a redescoberta da importância da Palavra de Deus na vida de todos os cristãos, de cada comunidade eclesial e também civil a redescobrir inclusive o dinamismo missionário, ínsito na Palavra de Deus. Como recorda a Carta aos Hebreus, a Palavra de Deus é viva e eficaz (cf. 4,12), porque ilumina o nosso caminho na peregrinação terrena rumo ao pleno cumprimento do Reino de Deus.

Estimados Irmãos, agradeço-vos mais uma vez a vossa visita hodierna. Asseguro uma especial lembrança na oração pelas vossas intenções, enquanto invoco sobre vós a proteção maternal da Bem-Aventurada Virgem Maria, que ofereceu ao mundo Jesus Cristo, Palavra viva que se fez carne. Como sinal de gratidão e de bons votos pela assistência do Espírito Santo na futura consulta da Igreja universal, concedo a Bênção Apostólica a todos vós e, de bom grado, tomo-a extensiva a quantos são confiados aos vossos cuidados pastorais.

BENEDICTUS PP. XVI



1. PROFOCO

Curso de Teologia – Módulo 04

Data: de 01 a 15 de setembro de 2007, sendo dia 31 de agosto para chegadas.

Local: Retiro Vicente de Paulo – Centro Holístico de Espiritualidade Católica – Igarapé – MG

Tema: Espiritualidade e Liturgia – práxis cristã

Objetivo: Possibilitar uma revisão da experiência de Deus e da celebração dos mistérios de Cristo, para uma fidelidade mais corajosa ao Projeto do Pai.

Número de participantes: 54 Irmãs

Presença de Irmãs de 37 Mosteiros, representando as 07 Ordens:

- Ordem da bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo – OCD (Carmelitas)
- Congregação das Religiosas da Paixão, CP (Passionistas)
- Ordem de Santa Clara, OSC (Clarissas)
- Ordem das Clarissas Capuchinhas, OCC
- Ordem de São Bento, OSB (Beneditinas)
- Ordem da Imaculada Conceição, OIC (Concepcionistas)
- Ordem Irmãs Contemplativas do Bom Pastor, CBP

Cronograma e assessores/as:

Dia 31.08 – Chegadas das Irmãs Cursistas e da Equipe de Coordenação.

Dia 01.09 – manhã: integração, formação dos grupos e reapropriação do Módulo 3.

Sob a animação da equipe de coordenação, se fez memória dos 25 anos de PROFOCO (1982-2007) e através de dinâmicas foram acolhidas as novas participantes, aprofundado o conhecimento de quem vem fazendo a caminhada e expressado o aproveitamento do Módulo 03 “Cristologia e Eclesiologia” em 2006, neste período entre-módulos.

Dia 01 (tarde) e 02 – Diálogo religioso e inter-religioso – Frei Geraldo Van Buu, OFML.

Frei Geraldo ajudou a perceber o quanto o diálogo Inter-religioso tem a ver com a espiritualidade e que o objetivo é a busca de unidade dos cristãos. O diálogo é o caminho pelo qual poderá haver maior fraternidade entre pessoas de diversas religiões.

Dias 03 a 07 – Espiritualidade e mística da VRCC – Dom Vital João Geraldo Wilderink.

Com sua experiência de contemplativo em heremitério, Dom Vital mostrou como a espiritualidade, relação entre o ser humano e o criador, vem de uma experiência pessoal. Apresentou as escolas de espiritualidades e as três categorias: 1) Espiritualidade laical, do cotidiano, existencial, humano; 2) Espiritualidades

Institucionalizadas – chamadas escolas; 3) Espiritualidade na contra-mão.

Dia 08 – Religiosidade popular e afro indígena; A dimensão do Sagrado. Ir. Adriana de Amorim Fernandes, ISF.

Ir. Adriana ajudou constatar que a religiosidade popular tem a ver com a lógica do cotidiano e abriu os corações para ampliar os conceitos e quebrar preconceitos em relação ao diferente. A religiosidade popular, no Brasil, incorporou, ao longo dos séculos, elementos constitutivos das espiritualidades indígena, afro e cristã.

Neste dia o grupo foi presenteado com a visita de Ir. Marián Ambrosio, DP, Presidente da CRB Nacional, num encontro muito próximo e fraterno.

Dias 09, 10, 12, 13, 14 – Liturgia: Eucaristia, Relação entre Liturgia e VRCC e Liturgia das Horas Ir. Ione Buyst, OSB.

Integrando conteúdo teórico e prático, se fez experiência de silêncio, de oração e da Celebração Eucarística como memorial de Jesus Cristo. Em cada missa, participamos e atualizamos o memorial da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Por isso não podemos reduzir a Eucaristia na Hóstia Consagrada. É muito mais. É uma ação de Deus pela salvação da humanidade, que se faz atual..

Dia 11 – *Passeio: Gruta Rei do Mato e o Carmelo da Imaculada Conceição, Sete Lagoas, MG.* O passeio é um momento forte cultural e espiritual. O contato com a obra de Deus na natureza que a Gruta Rei do Mato nos presenteia, a Serra de Santa Helena com sua vista

maravilhosa das lagoas e a cidade de Sete Lagoas, MG, o almoço e encontro com as irmãs no Mosteiro da Imaculada Conceição se tornaram uma celebração de fé e de contemplação.

Dia 15 (manhã) – Síntese geral, avaliação, reunião da Equipe e encerramento.

Momento importante na vida de quem caminha para a maturidade em Jesus Cristo. No processo do Curso de Teologia, busca-se verificar os resultados obtidos e seu significado para as participantes, bem como, em conjunto, encontrar alternativas para o melhor desempenho no módulo seguinte.

Podemos dizer que está havendo ótima participação e uma interação entre cursistas, equipe de coordenação, assessores/as e o

pessoal da casa. Constata-se uma crescente relação intercongregacional, com afirmação do carisma próprio e respeito pelo da outra. Os conteúdos são acolhidos com profundo interesse pelas Irmãs Cursistas.

No processo do Curso de Teologia, busca-se verificar os resultados obtidos e seu significado para as participantes, bem como, em conjunto, encontrar alternativas para o melhor desempenho no módulo seguinte.

Notícia:

CONGRESSO DE PSICOLOGIA

A CRB Nacional, através da Equipe de Reflexão Psicológica – ERP, informa que em 2007 não haverá o Congresso de Psicologia. Está sim em organização, o IV Congresso de Psicologia para outubro de 2008.

2. Considerações sobre a realidade do GRENI a partir da participação e acompanhamento aos grupos nas regionais da CRB Nacional

A partir da participação e acompanhamento aos grupos nas regionais da CRB Nacional

Falar sobre o GRENI, vida religiosa negra e indígena, é sempre gratificante, toca na minha sensibilidade e emoções. É a pupila de meus olhos.

Voltando a acompanhar diretamente neste triênio 2004-2007 na CRB Nacional, sinto como uma leve brisa que, encontrando-os frágeis, foi de forma suave fazendo levantar e retomar a longa caminhada, reafirmando: uma nova Vida Religiosa Consagrada é possível.

De 06 a 10/09/2007 acompanhei, participando do IV Encontro INTERSUL, realizado em Londrina-PR.

A realidade como são considerados os povos Indígenas e Negros pela sociedade, é degradante e, as Congregações muitas das vezes também fazem a mesma coisa. Acompanhando o grupo e sentindo a coragem, fé e vigor das/os religiosas/os, enfrentando as dificuldades, conquistando espaços, é gratificante. Por outro lado, ao ver as pessoas desistindo da vida religiosa consagrada por serem exploradas/os, oprimidas/os, dói e o pior que não temos acesso em ajudar ambos os lados: Congregações e religiosas/os.

Com o Tema e Lema: **Negritude, Dom de Deus, consagradas/os à Missão. Negra/o sim, como Deus criou!** o encontro teve como assessor o Pe. Ms. Altair Manieri fazendo uma rica análise de conjuntura, com base no documento de conclusão da V Conferência no que tange à temática dos povos negros e indígenas.

Podemos falar de Conjuntura: Social / Política / Econômica / Cultural / Ambiental.

Foi abordado mais os aspectos social e cultural em relação às culturas indígenas e afro-americana no contexto da América Latina e Caribe, a partir do documento do V CELAM.

O mundo hoje passa/vive uma crise de valores, uma crise ética.

Paradigmas são importantes para entender essa crise Mundial:

- *Globalização* (enquanto fenômeno social)
- *Interdisciplinaridade* (enquanto instrumental teórico/metodológico)
- *Alteridade* (noção antropológica)

Na perspectiva desses paradigmas se situa a análise a partir do Documento da V Conferência. "Os povos da América Latina e do Caribe vivem hoje uma realidade marcada por grandes mudanças que afetam profundamente suas vidas". (n^os 33-34). A novidade dessas mudanças é o fenômeno da Globalização (criando redes mundiais de comunicação < internet, satélites, etc). A ciência e a tecnologia (com capacidade de manipular geneticamente a própria vida e a vida dos seres vivos).

Eric Hobsbawam (Era dos Extremos) afirma que "houve mais mudanças na humanidade nos últimos 50 anos do que desde a idade da pedra".

Essa nova escala mundial do Fenômeno da Globalização traz conseqüências em todos os campos de atividades da vida social, impactando: a cultura, a economia, a política, a educação, a religião, as ciências, as artes, o esporte. Interessamos saber como esse fenômeno afeta a vida de nossos povos e o sentido religioso e ético (n^o 35). Verifica-se, em nível massivo, uma espécie de nova colonização cultural pela

imposição de culturas artificiais em detrimento das culturas locais através dos MCS (nº 46). Uma forte tendência para a afirmação exasperada de direitos individuais e subjetivos (nº 47). A avidez do mercado descontrola o desejo de crianças, jovens e adultos, através de uma propaganda ideológica consumista (nº 50). As novas gerações são as mais afetadas por essa cultura do consumo em suas aspirações pessoais profundas. A riqueza e a diversidade cultural dos povos da América Latina e do Caribe são evidentes: indígenas, afro-americanas, mestiças, camponesas, urbanas e suburbanas...

“Os afro-americanos se caracterizam, entre outros elementos, pela expressividade corporal, o enraizamento familiar e o sentido de Deus”. Os indígenas constituem a população mais antiga do Continente. Estão na raiz primeira da identidade latino-americana e caribenha. Os afro-americanos constituem outra raiz que foi arrancada da África e trazida para cá como gente escravizada. A terceira raiz é a população que migrou da Europa, a partir do século XVI, em busca de melhores condições de vida. De todos esses grupos e de suas correspondentes culturas se formou a mestiçagem que é a base social e cultural de nossos povos latino-americanos, como já reconheceu a II Conferência Geral do CELAM em Puebla, México.

Os indígenas e afro-americanos são, sobretudo, “os outros” diferentes que exigem respeito e reconhecimento. A sociedade tende a desprezá-los, desconhecendo o porquê de suas diferenças. Sua situação social está marcada pela exclusão e pela pobreza. A Igreja acompanha os indígenas e afro-americanos nas lutas por seus legítimos direitos (nºs 88-89).

Os indígenas e afro-americanos são, sobretudo, “os outros” diferentes que exigem respeito e reconhecimento.

Hoje, esses povos estão ameaçados em sua existência física, cultural e espiritual; em seus modos de vida; em suas identidades; em sua diversidade; em seus territórios e projetos. A migração, forçada pela pobreza, está influenciando profundamente na mudança de costumes, de relacionamentos e inclusive de religião (nº 90).

Os indígenas e afro-americanos **emergem** agora na sociedade e na Igreja. Este é um “kairós” para aprofundar o encontro da Igreja com esses setores humanos que reivindicam o reconhecimento pleno de seus direitos individuais e

coletivos, serem levados em consideração na catolicidade com sua cosmovisão, seus valores e suas identidades particulares, para viverem um novo Pentecostes eclesial (nº 91).

Como Igreja que assume a causa dos pobres, estimula a participação dos indígenas e afro-americanos na vida eclesial... necessitam-se, igualmente, promover mais as vocações e os ministérios ordenados procedentes dessas culturas (nº 94).

A história dos afro-americanos tem sido atravessada por uma exclusão social, econômica, política e, sobretudo racial, onde a identidade étnica é fator de subordinação social. Atualmente, são discriminados na inserção do trabalho, na qualidade e conteúdo da formação escolar, nas relações cotidianas e, além disso, existe um processo de ocultamento sistemático de seus valores, história, cultura e expressões religiosas. Desse modo, descolonizar as mentes, o conhecimento, recuperar a memória histórica, fortalecer os espaços e relacionamentos inter-culturais, são condições para a afirmação da plena cidadania desses povos (nº 96).

Por isso, a Igreja denuncia a prática da discriminação e do racismo em suas diferentes expressões, pois ofende no mais profundo da dignidade humana criada à “imagem e semelhança de Deus”. Preocupa-nos que poucos afro-americanos cheguem à educação superior, sem a qual se torna mais difícil seu acesso às esferas de decisões na sociedade.

A Igreja, com sua pregação, vida sacramental e pastoral, precisará ajudar para que as feridas culturais injustamente sofridas na história dos afro-americanos, não absorvam, nem paralisem a partir do seu interior, o dinamismo de sua personalidade humana, de sua identidade étnica, de sua memória cultural, de seu desenvolvimento social nos novos cenários que se apresentam (nº 533).

Para tanto é preciso: *conhecer* (a realidade como um todo); *sentir* o outro (alteridade) – a partir das suas frustrações, do desânimo, dos confrontos e conflitos sociais em que vivem; *elaborar* metas (sonhos) – diálogo, integração, solidariedade, enfim, construir o Horizonte Utópico através de uma Esperança Ativa que move e impulsiona para a transformação e a realização humana.

A assessora Sonia Querino Mestra em negritude, embalou-nos numa experiência orante com o intuito de nos fazer sentir, experimentar o que estamos falando. Ao som dos nossos instrumentos dançamos e soltamos o corpo no gingado da liberdade, deixando-nos ser o que culturalmente e genuinamente somos em essência, povo feliz. Neste embalar percebemos-nos negros, negras, sim, como Deus nos criou! Dons e presentes de Deus

Pai ao mundo para torná-lo belo com nossa negritude e isso acontece numa perspectiva que abrange:

* Espiritualidade no contexto da nossa cultura / * Experiência de Espiritualidade encarnada na realidade / * Urgência da Espiritualidade / * Vivemos em situações dramáticas / * Ameaça do nosso futuro / * O que estamos fazendo nesse mundo? / * Qual o nosso lugar? / * O que podemos esperar para além dessa vida? / * Não existe uma única fonte / * Ser humano como projeto infinito / * Espiritualidade um tema recorrente da nossa cultura / * Busca humana / * Povo que vive uma dimensão mística, espiritual, co-natural à sua cultura / * Executivos/empresários usam a espiritualidade com seus empregados / * Os bens materiais que produzem... Universo de valores... Não devem estar suficientes / * Questões: Gratuidade, Espiritualidade / *

Espiritualidade se pode fazer dinheiro / * Empresas que manejam o discurso de Espiritualidade: exército de seguidores, mais aos bolsos / * Demanda por valores não materiais, redefinição do ser humano / * Seres humanos indignados: nós merecemos um destino melhor / * Temos que beber de outras fontes para encontrar Luz que ilumine nosso caminho.

Dalai Lama explica que

Espiritualidade é aquilo que produz no ser humano uma mudança interior, uma transformação. Ele prega a paz como diálogo entre as Religiões, o abraço entre os povos. Tibetanos / Hebreus / Exílio babilônico (Deus é único, por isso, Deus de todos os povos e de vários nomes).

... a Igreja denuncia a prática da discriminação e do racismo em suas diferentes expressões, pois ofende no mais profundo da dignidade humana criada à “imagem e semelhança de Deus”.

A Espiritualidade muda, assim como os tempos mudam e as pessoas mudam com o tempo. O que ontem foi, hoje pode não ser.

O Pe. Thomas Antonio Bassanguê, CSJ, Africano de Guiné Bissau na África Ocidental, assessor, fez memória do processo de educação e arte africana e seguiu a explanação: "Eu sou negra, sim! Como Deus criou!" Sb 9, 13-18. Qual é o homem que pode conhecer os desígnios de Deus. Nossas reflexões incertas.

A maioria das pessoas usa de vez em quando a idéia de raça, ou de aparência relacionada à raça, como maneira rápida de identificar a si mesmos ou aos outros. Entretanto, poucos seriam capazes de dar uma definição cientificamente defensável daquilo que "raça" é ou deixa de ser. África, onde foram concebidos os nossos ancestrais, ocupa a camada mais profunda do nosso universo sentimental. É um espaço da consciência que se entesoura de incertezas. Só mesmo a crença comum entre os africanos de que uma pessoa nasce não no dia que sai do ventre materno, mas no instante e no lugar em que foi concebida. "A África é Grande... é necessário compreender algo dos princípios, da história, da religião e da espiritualidade.

Elementos comuns da África negra em geral: emoções, atitudes, ligação com os antepassados, as características linguísticas, os sistemas simbólicos e mitologia, etc. Somos descendentes e, se o somos, portanto irmãos e irmãs, somos herdeiros, herdeiras. Tudo aquilo que desejamos, sentimos, amamos, imaginamos é o fruto de um trabalho cultural, e tudo é a partir daquilo que somos e de onde somos, a nossa cultura. Somos todos filhos de uma só cor de uma única cor a herança que invariavelmente nos é transmitida.

África carrega o fardo histórico de séculos de uma relação desigual com o resto do mundo que a fizeram passar por ciclos sucessivos de tragédias – o do tráfico de escravos, o do

colonialismo, e mais recentemente, o do sistema de partido único. O tráfico de escravos depauperizou a África. O colonialismo, estrangulou as sociedades africanas. Os regimes de partido único também estiolaram o desenvolvimento e violentaram as aspirações naturais das/os africanas/os. O tribalismo, o racismo, são forças contrárias à vida humana. África estagnou e em muitos casos regrediu, enquanto os seus ricos recursos eram delapidados ou drenados para o exterior. A sua dívida e dependência se tornam paralisantes a proliferar de problemas sociais graves – a pobreza, a doença, o analfabetismo, o desemprego. Quanto mais consciência se tem do passado, mais compreensão se tem da atual situação do povo negro, mais vontade se tem de mudança. É preciso um esforço e coragem também para corrigir equívocos culturais do próprio povo.

O Encontro foi encerrado com uma linda Celebração Afro Inculturada. Um jantar alegre aberto à participação da comunidade local – jovens da PJ e lideranças. Cada grupo trouxe de seus regionais doces típicos e apresentações artísticas de grande beleza e significação cultural.

A avaliação se destacou pelo positivo e beleza da coordenação, dos símbolos, das assessorias, participação dos leigos/as (sem contudo deixar de existir o momento só dos religiosos/as para discutir as questões referentes à VR). As sugestões para o próximo: momentos de partilha por grupos, troca de idéias; ter um tema trabalhando a questão negra e indígena. Para 2008, de 05-07/09 V Encontro INTERSUL DO GRENI, em São Paulo, com o Tema: Negros, negras e indígenas, inseridos na Igreja e na missão.

Na sinergia do AXÉ, que o Deus da vida nos mantenha unidas/os e motivadas/os.

Londrina-PR, setembro de 2007

Charles de Foucauld interpela a Vida Religiosa, hoje

FRATER HENRIQUE CRISTIANO JOSÉ MATOS, CMM

Introdução

A beatificação de Charles de Foucauld, a 13 de novembro de 2005, ofereceu uma oportunidade singular para que conhecêssemos mais de perto a pessoa e a herança espiritual desse “profeta do deserto”.

Trata-se de um *santo diferente*, alguém que não se deixa amoldar a uma hagiografia convencional. Sua vida foi uma grande aventura e apresenta um trajeto descontínuo e imprevisível. Sua personalidade, sob muitos aspectos, parece contraditória. Qual seria o segredo da atração que ele exerce, ainda hoje, sobre tantas pessoas, dentro e fora da Igreja?

Quando este incansável procurador do Absoluto encontra o “tesouro da sua vida”, entrega-se com impressionante radicalidade ao “único necessário”, ao Deus do Amor. “Não esco-

lhemos nossa vocação, nós a recebemos — escreveu um dia — e devemos procurar conhecê-la, procurar ouvir a voz de Deus e perscrutar os sinais de sua vontade”.¹ Sua profunda comunhão com Deus — através de Jesus de Nazaré, seu *bem-amado Irmão e Senhor* — o conduz a uma incondicional solidariedade com os outros, seus irmãos, particularmente com “os últimos” da sociedade.

Charles de Foucauld (1858-1916) marcou a Igreja e, dentro dela, a Vida Religiosa de nosso tempo. Sua pessoa e obra suscitam admiração e respeito e muitos reconhecem a atualidade de sua mensagem, caracterizada pela simplicidade evangélica, pelo valor imprescindível do transcendente, pela fidelidade àqueles que a sociedade marginaliza ou despreza, e pela abertura ao diálogo com o diferente.

Desenvolveremos o presente artigo² em três partes. Na primeira, traçamos, em linhas

¹ Denise e Roberto BARAT, *Carlos de Foucauld e a fraternidade*, p. 27 e 167.

² Este estudo iniciou-se com um pedido do fundador do Eremitério Nazaré da Serra (ERNAS), cujos patronos são Santa Teresinha do Menino Jesus e o Beato Charles de Foucauld. Temos a intenção de ampliá-lo para ser publicado oportunamente em forma de livro.

globais, a vida de Foucauld³, moldura indispensável para entendermos sua contribuição específica ao cristianismo hodierno. Na segunda parte analisamos os elementos centrais de sua espiritualidade e procuramos situar a originalidade de seu *carisma*. Na terceira parte do texto veremos a atualidade de sua mensagem para a Igreja e a Vida Consagrada de nossos dias.

1. Traços biográficos: a incessante busca do sentido existencial

A vida de Charles de Foucauld não foi um caminho retamente traçado, mas um itinerário tumultuado e sinuoso. É a trajetória de um homem inquieto, sempre em busca do sentido existencial. Talvez por causa disso seu testemunho atraia tantas pessoas hoje!

Charles-Eugène de Foucauld nasce em Estrasburgo, a 15 de setembro de 1858, exatamente no ano das aparições de Nossa Senhora em Lourdes, na França. Seus pais são Francisco Eduardo, Visconde de Foucauld de Pontbriand e Isabel de Morlet. Aos seis anos de idade fica órfão, acontecimento que marcará toda a sua vida. Torna-se uma criança fechada que não gosta de barulho e é muito sensível. Com sua irmã Maria — três anos mais nova que ele —

**A vida de Charles de
Foucauld não foi um
caminho retamente
traçado, mas um
itinerário tumultuado e
sinuoso.**

foi carinhosamente educado pelo avô materno, um coronel reformado do exército francês.

Sua juventude decorre num ambiente de revolta e insatisfação. Sente um tremendo vazio em sua vida. Dotado de uma boa inteligência, frequenta escolas de alto nível, mas mostra-se um indisciplinado que não suporta um regime de estudos metódicos. Torna-se, igualmente, um cético

em termos religiosos. Embora criado num ambiente profundamente cristão, deixou de lado a fé de sua infância que lhe parece irracional. Durante doze anos ficará neste agnosticismo, aliás, bastante comum entre as elites intelectuais na França de seus dias.

Por influência de seu avô consegue entrar na escola militar preparatória de Saint-Cyr, em Paris, mas não leva a sério seus estudos. Na escola de cavalaria em Saumur será classificado no penúltimo lugar! Com a morte do avô (1878) herda uma considerável fortuna, que lhe possibilita levar uma vida de prazeres. Em outubro de 1880, o agora tenente Foucauld parte para a Argélia, então colônia francesa, no norte da África, a fim de servir no 4º Regimento de Caçadores. Acompanha-o a jovem Mimi, uma mulher pela qual se apaixonou.

Na África recomecem as farras e a consequência é sua sumária demissão do exército "por indisciplína e notório mau procedimento" (março 1881). Volta à França, mas, tomando

³ Mantemos no texto o nome original em francês (quando vem junto com o sobrenome), uma vez que esta versão já é bastante familiar no Brasil. Quando empregamos isoladamente o sobrenome "Foucauld", eliminamos a preposição "de" para manter maior fluência em nosso idioma. Fazendo referência ao seu nome de consagrado "Irmão" (*frère*), traduzimos o nome próprio em português: Irmão Carlos, ou — como gostava que o chamassem — Irmão Carlos de Jesus.

conhecimento que seu regimento foi convocado para combater uma insurreição, pede reintegração nas tropas na qualidade de simples soldado. Para a surpresa de todos, mostra-se um militar valente e infatigável. Mas, no fundo, o serviço militar não o atrai e, após oito meses, ele mesmo pede demissão (fevereiro 1882). Começa a preparar-se para ser explorador numa região então inacessível aos europeus: o Marrocos. "Quis fazer da própria vida uma aventura solitária, fora das arregimentações das tutelas administrativas ou institucionais".

Durante 18 meses dedica-se ao estudo do árabe e aprende o manejo de instrumentos científicos necessários na exploração, além de obter conhecimentos de etnologia, geografia, astronomia e cartografia. Finalmente, disfarçado como rabino judeu — com o nome de Joseph Aleman, supostamente nascido na Rússia — entra no Marrocos, acompanhado por Mardoqueu, um rabino de verdade. Um ano inteiro os dois viajam pelo país (junho 1883 a junho 1884), quando Foucauld faz um precioso registro de suas descobertas. Ele, o incrédulo, é profundamente tocado pelas vigorosas demonstrações de fé da população muçulmana. Impressiona-o a seriedade dos gestos de adoração da transcendência divina, causando nele uma inquietação e interrogação sobre a dimensão religiosa da existência. Tudo isso faz com que entreveja algo maior e mais verdadeiro do que as ocupações meramente mundanas (Carta ao amigo Henri de Castries, 8-7-1901). Suas valiosas informações científicas resultam

na concessão da "Medalha de Ouro" da Sociedade de Geografia da França (janeiro 1885). De volta a Paris, inicia a publicação de sua obra científica *Reconnaissance au Maroc*, editada em 1888.

O reencontro com a família é caloroso, o que faz um grande bem a Charles. Sobretudo os laços afetivos com sua prima Marie de Blondy serão importantes para ele. É ela que o põe em contato com o Padre Henri Huvelin ((1838-1910), da Igreja de Santo Agostinho, na capital francesa, um sacerdote dotado de excepcionais qua-

Ele, o incrédulo, é profundamente tocado pelas vigorosas demonstrações de fé da população muçulmana.

lidades no acompanhamento espiritual. Será o instrumento nas mãos de Deus para sua conversão, acontecida em fins de outubro de 1886. O espírito perspicaz e profundamente evangélico de Huvelin percebe imediatamente que está diante de um homem de incomum procura da ver-

dade. Acolhe-o amorosamente, mas também com vigor. Sabiamente conduz a impulsividade deste jovem explorador, que agora entra na exploração de seu próprio interior. Faz sentir a Foucauld que o cristianismo não é aquela religião dogmática, abstrata e alheia à vida real, que ele se imaginava, mas o encontro com um Deus de amor, na pessoa de Jesus Cristo. Uma religião toda pautada na caridade de um Deus misericordioso, próximo e presente. Como sempre acontece na sua vida, também a mudança que o encontro com Padre Huvelin provoca é radical. Referindo-se, mais tarde, à sua conversão dirá: "Imediatamente, ao crer que havia um Deus, compreendi que não podia deixar

⁴ Jean-François SIX, *Charles de Foucauld*, p. 12.

de viver só para Ele. Minha vocação religiosa data do mesmo instante que minha fé⁵.

Aconselhado por seu orientador espiritual, Charles — agora com 30 anos de idade — empreende uma peregrinação à Terra Santa, entre novembro de 1888 e fevereiro de 1889. Passando por Nazaré fica fascinado com a vida humilde e pobre que Jesus lá passou por trinta anos, como simples artesão. Descobre — sem se conscientizar disso naquele momento — o “tesouro escondido” de sua vida e o núcleo de sua espiritualidade. No fundo, confronta-se com o realismo da encarnação divina: um Deus plenamente humano, próximo e identificado com os mais simples, ocupando, de fato, o “último lugar” entre os homens.

Aceitando a proposta do Padre Huvelin, Charles de Foucauld, uma vez de volta à França, vai à procura de uma vida cristã mais comprometida. No dia 16 de janeiro de 1890, entra no mosteiro trapista de Notre-Dame-des-Neiges, no Ardèche, e recebe, junto com o hábito monástico, um novo nome: irmão Marie-Albéric. Já em junho daquele ano, estando ainda no período de seu noviciado canônico, pede transferência para o Mosteiro da Ordem em Akbés, na Síria, uma recente fundação e considerada uma das casas mais pobres dos Trapistas.

Na Trapa não encontra o que desejava no mais íntimo de seu ser: uma vida conforme à pobreza e despojamento de Jesus em Nazaré. É neste período (1893) que nascem os primeiros

projetos de uma Vida Religiosa diferente, mais de acordo com a experiência do Nazareno. Apesar de suas hesitações, pronuncia os votos religiosos na Ordem Trapista. Em outubro de 1896 parte para o Mosteiro de Staouéli, na Argélia (África), onde permanece apenas um mês. É enviado a Roma para iniciar seus estudos em preparação ao sacerdócio. No dia 23 de janeiro de 1897, a seu próprio pedido, o Geral da Ordem lhe concede a dispensa dos votos, reconhecendo que sua vocação peculiar dificilmente se enquadraria na modalidade trapista da vida consagrada. Para Foucauld, entretanto, não se trata de um abandono da Vida Religiosa, pelo contrário. Padre Huvelin sugere que volte novamente a Nazaré para discernir melhor sua vocação. Durante três anos (1897-1900) será o serviçal das Clarissas de Nazaré. Mora num barracão, onde são guardadas as ferramentas do

convento. Na realidade, esses anos constituem um “longo retiro espiritual”, no qual elabora três quartos de seus escritos espirituais, sobretudo Meditações sobre os Evangelhos. Na região é conhecido simplesmente como Carlos, irmão leigo, e empregado das Irmãs. Passa longas horas em oração, sobretudo à noite, privilegiando

a adoração eucarística. O período passado em Nazaré não é um tempo de tranquilidade espiritual. Charles é novamente assaltado por dúvidas: qual caminho a tomar? Vacila entre projetos contrários que vão de um extremo ao outro. Se não fosse a firme orientação de Huvelin, esse homem — agora com seus 40

“Imediatamente, ao crer que havia um Deus, compreendi que não podia deixar de viver só para Ele. Minha vocação religiosa data do mesmo instante que minha fé”

⁵ Charles de FOUCAULD, *Cartas e anotações*, p. 11.

anos — ter-se-ia perdido completamente. Fica, no entanto, uma certeza inabalável: a vontade de *imitar* Jesus na sua vida em Nazaré. Em 1899 elabora o “Regulamento para Ermitães do Sagrado Coração de Jesus”. Lentamente nasce nele o desejo de ser ordenado sacerdote. Vence interiormente as resistências, sobretudo as que dizem respeito à posição social que acarreta o ser presbítero. Vê a ordenação presbiteral na perspectiva da eucaristia: Jesus, realmente presente, que se sacrifica para que todos sejam salvos, missão da qual ele poderia participar mais diretamente como sacerdote.

A 29 de setembro de 1900, Charles de Foucauld volta ao Mosteiro de Nossa Senhora das Neves, agora já não mais como monge trapista, mas como candidato ao sacerdócio. Após ter recebido as Ordens Menores, o subdiaconato e diaconato — na seqüência em vigor naquele tempo — é ordenado presbítero, em Viviers (Ardèche), a 9 de junho de 1901.

Uma vez sacerdote, já não pensa mais em voltar à Terra Santa. “Os anos passados no Oriente foram anos de preparação. Acostumara-se à vida solitária, à disciplina sem testemunhos, ao trabalho sem programa imposto. Tinha realizado a aprendizagem que lhe permitiria suportar, no futuro, provas mais duras sem desfalecimentos e com a alegria de quem obedece à sua vocação”⁶.

Como presbítero independente da Diocese de Viviers, na França, recebe autorização de ir

ao território colonial francês, no Norte da África. Desembarca em Argel, onde é recebido pelo Prefeito Apostólico do Saara, Dom Guérin. Estabelece-se em Beni-Abbès, um oásis no deserto,

perto da fronteira do Marrocos. Seu eremitério não é um *mosteiro fechado*, mas uma casa aberta, uma “fraternidade”, acessível a todo tipo de pessoas, mas principalmente àqueles que eram rejeitados, “os últimos”. Quer que sua habitação seja uma humilde *Casa de Nazaré*, lugar de oração e hospitalidade, inspirada na *zaouia*, um daqueles pequenos centros de hospedagem do Islã onde mora um

Seu eremitério não é um *mosteiro fechado*, mas uma casa aberta, uma “fraternidade”, acessível a todo tipo de pessoas, mas principalmente àqueles que eram rejeitados, “os últimos”.

“homem de Deus”, tais como conhecera na sua viagem de exploração no Marrocos. Na capelinha de seu eremitério desenha, acima do altar, uma grande figura do Coração de Jesus, de braços estendidos para estreitar todos os seres humanos, oferecendo-lhes seu amor. Todo dia recebe muitas pessoas, entre soldados, pobres, viajantes e escravos. As próprias circunstâncias o ensinam que o encontro com Deus, na oração e na eucaristia, necessariamente conduz à caridade para com o próximo. Esses dois amores são inseparáveis, tal como Jesus os viveu durante os trinta anos que morava em Nazaré. Cresce seu zelo apostólico para que a salvação divina atinja todos os segmentos da sociedade. Pensa particularmente no Marrocos, onde “milhões de habitantes se encontram em completo abandono”. Quer introduzir neste país o Evangelho pelo testemunho cristão, silencioso e

⁶ José Luis Vasquez BORAU, *Carlos de Foucauld e a espiritualidade de Nazaré*, p.36.

contemplativo, o que considera sua vocação específica. Mas este seu projeto não pôde realizar-se nos moldes em que o sonhara.

Em 1904 parte para o sul do Saara, escoltado (contra a sua vontade) por um comboio militar. Estabelece-se na região dos tuaregues, no Hoggar, após ter obtido autorização do amenokal (chefe tribal) Moussa-Ag [= filho de] Amastane. Constrói seu eremitério perto da localidade de Tamanrasset. Lá ficará durante cinco períodos, interrompidos com saídas para Beni-Abbès ou (três vezes) para a França. Tem consciência de ser o único sacerdote católico num imenso território que é praticamente abandonado pelo governo colonial e pela própria Igreja. Nesta realidade quer viver a “vida de Nazaré”, caracterizada pelo silêncio do retiro e pela proximidade das pessoas mais necessitadas. Sente a urgência de conhecer mais profundamente os tuaregues e para isso põe-se a estudar sua língua, resultando numa tradução em tamachek dos quatro Evangelhos. Pretende elaborar um dicionário tuaregue-francês e francês-tuaregue, que será editado efetivamente, em quatro volumes, no ano 1952, 36 anos depois de sua morte. Deseja se inteirar da história e dos costumes deste povo que começa a amar intensamente. Ao mesmo tempo que faz de tudo para se inserir na cultura tuaregue e se aproximar das pessoas, experimenta dolorosamente a solidão e o aparente insucesso de sua missão. Invadem-no dúvidas e ele passa por momentos de depressão. Os tão desejados companheiros não aparecem e ele não consegue nenhuma

... é exatamente na fraqueza e na necessidade – que intrinsecamente fazem parte do nosso ser humano – que podemos encontrar, em profundidade, o outro e selar amizades que perduram.

conversão. A dura realidade do deserto e do isolamento pesam. As leis eclesásticas em vigor não permitem que celebre a missa sozinho! Sente de perto as dores de uma total impotência e dilaceração interior. Cai gravemente enfermo, em fins de 1907 e inícios de 1908.

Uma grande carestia assola a região. Irmão Carlos distribuíra tudo que tinha e agora ele mesmo fica doente. Graças à generosidade da população, que por toda parte vai à procura de leite de cabra, recupera a saúde. Momento providencial de uma “segunda conversão”! Até este momento fora sempre Charles de Foucauld que dava o que tinha, agora é ele que deve receber auxílio dos outros! Este acontecimento lhe en-

sina que é exatamente na fraqueza e na necessidade — que intrinsecamente fazem parte do nosso ser humano — que podemos encontrar, em profundidade, o outro e selar amizades que perduram. O que fora uma experiência humana tornar-se-ia uma profunda experiência de Deus. Foi salvo da morte por aqueles que ele mesmo tinha vindo salvar! O militar valente e o asceta voluntarioso começam a

transformar-se num ser humano comum, um pobre, que precisa de Deus e dos outros. Charles se humaniza e se torna ainda mais acessível e dialogal. Invade-o uma imensa paz interior.

O eclodir da I Guerra Mundial (1914) causa imediatamente reflexos nas Colônias das potências européias. Surgem movimentos de rebeldia na Argélia, alimentados pelos países inimigos da França. O Irmão Carlos está numa situação delicada. Recusa-se a deixar Tamanrasset

e decide construir uma casa fortificada para proteger os tuaregues contra eventuais ataques. Quer mostrar-se solidário com a população indefesa.

Numa sexta-feira, dia 10 de dezembro de 1916, à noite, quando Charles de Foucauld encontra-se sozinho no fortim, a casa é assaltada e saqueada. Ele mesmo é amarrado e colocado sob a vigia de um jovem de 15 anos que aponta-lhe sua arma de fogo. De repente se dá o alarme: os adversários estão chegando! O vigilante, em pânico, aperta o gatilho do fuzil, causando a morte imediata do eremita.

A morte do Irmão Carlos — que quase passou despercebida naqueles turbulentos anos de guerra — parece o melancólico fim de uma vida fracassada: morreu solitário, sem ter feito uma única conversão ao cristianismo, e sem ter realizado seu projeto de uma “fraternidade nazarena no deserto”. Na verdade, porém, esta morte foi como o grão de trigo, jogado no chão para poder produzir abundantes frutos. Ele mesmo o predissera num de seus escritos, que traz a data de 4 de abril de 1898: “Se o grão de trigo não morre, fica só; se morre, produz muito fruto. Não se pode fazer o bem senão sofrendo, e para fazer muito bem é necessário sofrer muito. Para fazer muito bem às almas, é necessário morrer, por assim dizer, por meio de um intenso sofrimento”⁷.

“Se o grão de trigo não morre, fica só; se morre, produz muito fruto. Não se pode fazer o bem senão sofrendo, e para fazer muito bem é necessário sofrer muito. Para fazer muito bem às almas, é necessário morrer, por assim dizer, por meio de um intenso sofrimento”

A personalidade de Charles de Foucauld não se presta a uma fácil análise. Temos diante de nós uma pessoa controvertida e contraditória sob muitos aspectos. A busca do Absoluto é, afinal, o único elo que dá uma certa consistência às suas aventuras existenciais. Seu trajeto pessoal oferece a narrativa clássica do homem à procura de Deus que, paulatinamente, aprende a despojar-se de tudo para guardar o que é realmente essencial na vida.

Foucauld era possuidor de uma privilegiada inteligência, mas sua formação é antes científica e prática do que filosófica e teológica. Por natureza é um homem radicalmente independente que alimenta grandes ambições. É teimoso e muito apegado às suas idéias, que quer realizar a todo custo. Não se resigna facilmente diante de oposições e contratempos. Acima de tudo, defende sua liberdade e não permite que esta seja questionada. Sua vida apresenta numerosas rupturas: é um apaixonado por

Jesus Cristo e quer sinceramente colocar-se em sintonia com a vontade de Deus, mas ao mesmo tempo tenta traçar seu próprio projeto de vida. Oriundo de família nobre, decide levar uma vida escondida e simples. Desenvolve idéias grandiosas, mas continuamente é obrigado a deixá-las. É formado como militar, mas resolve ser um irmão dependente no meio do povo desprovido de tudo, deixando para trás seu status social de superioridade. Exatamente essas

⁷ Jean-François SIX, *Carlos de Foucauld hoje*, p. 34.

numerosas reviravoltas existenciais falam à imaginação de tantas pessoas que experimentam algo semelhante em suas vidas. As rupturas proporcionaram a Charles de Foucauld, na realidade, uma grande liberdade de espírito, bem notável nos últimos doze anos de sua vida.

A característica fundamental da vida de Foucauld é precisamente esta permanente busca por aquilo que, afinal de contas, permanece. E neste itinerário ele chega a uma entrega, cada vez mais completa, a Deus e aos irmãos.

Uma tensão que o acompanha durante toda a existência é de equilibrar as duas pulsões que o movem interiormente: sua vocação de ermitão, no silêncio e na solidão, e seu incontido anseio de “salvar almas”, sobretudo as mais abandonadas e esquecidas. São os dois apelos que dinamizam sua força interior e que, no decorrer dos anos, começam a harmonizar-se numa fascinante síntese de vida espiritual.

2. A “espiritualidade de Nazaré”

Na tradição cristã, espiritualidade indica uma forma concreta — movida pelo Espírito Santo — de se viver o Evangelho. Inclui práticas e atitudes que manifestam a experiência de Deus numa pessoa ou comunidade. O núcleo comum e indispensável para toda e qualquer autêntica espiritualidade cristã é o seguimento de Jesus, sob a direção da Igreja. Uma de suas características essenciais é viver da convicção de que a vida nos é dada gratuitamente, que depen-

demos uns dos outros, e que somos co-responsáveis pela obra de Deus em nós e em toda a Criação.

Charles de Foucauld desenvolve na sua vida um aspecto típico da *sequela Christi* — base de toda espiritualidade cristã — que pode ser denominado: “a espiritualidade de Nazaré”.

2.1. O encontro com o Jesus Nazareno

Foucauld fica profundamente impressionado com o realismo da encarnação do Filho de Deus, com o mistério de Jesus histórico, que veio *por amor* morar no meio de nós, assumindo a condição humana como *servo*. Aniquilou-se a si mesmo, se esvaziou, *desceu* para nos salvar (cf. Fl 2,6-11). Deus,

por assim dizer, quis “materializar-se”, tornar-se criatura, pequeno e dependente, pobre e identificado com “os últimos”.

Desde a sua primeira estadia em Nazaré, este mistério da condescendência divina o fascina extraordinariamente. Encontrará aqui seu próprio “caminho espiritual”. Lentamente cresce nele a certeza de que é chamado a seguir este Jesus Nazareno. Para o Jesus palestinese o *ser nazareno* se convertera numa opção de vida. Sua longa, silenciosa, rica e sofrida experiência no povoado histórico de Nazaré deu-lhe sua identidade. “Seu ser-nazareno o fez *Emanuel*, isto é, Deus próximo, porque assumiu a identidade dos *afastados*, viveu longamente essa condição, identificou-se com ela... Será para Jesus a força reveladora da novidade inquietante de seu Pai que convoca

à mais profunda fraternidade, a partir dos últimos do mundo”⁸.

Nazaré se tornou para Foucauld a porta de entrada para a totalidade do mistério de Cristo, seu *bem-amado Irmão e Senhor*, abrindo-lhe, igualmente, a compreensão de Deus como Pai. Nazaré constitui um forte apelo para viver seu amor apaixonado por Jesus, nas circunstâncias mais ordinárias da vida.

Sem cessar fala em suas cartas e demais escritos sobre a centralidade da *imitação de Cristo*. Jesus se lhe apresenta como seu “Modelo único”: “Não concebo o amor sem uma necessidade, uma necessidade imperiosa de conformidade, de assimilação, ... de partilha...”⁹ O meio mais simples — escreve a 13-5-1903 — para unir-se a este seu Irmão mais velho é “agir, falar, pensar sempre com Ele e como Ele, mantendo-se em sua presença e imitando-O”¹⁰. Configurar-se a Jesus Cristo torna-se a dinâmica espiritual de sua vida e é com este seu *bem-amado Irmão* que estabelece uma íntima relação de amizade. Encontra-O presente nos textos dos Evangelhos, na Eucaristia, no seu amor salvífico para com todos os seres humanos, particularmente os mais abandonados e esquecidos.

Como Jesus, busca fazer em tudo a vontade do Pai, que se manifesta nas circunstâncias concretas da vida e na direção de um guia espiritual, no seu caso particular o Padre Henri Huvelin. Discernir, ou seja, procurar a vontade divina, é

um exercício central da vida cristã. Colocam-se para o seguidor de Jesus perguntas concretas, tais como: O que me move no mais íntimo de meu ser? Estou privilegiando meus próprios interesses, ou procuro honestamente viver em

prol dos outros, da causa de Deus, dos valores de seu Reino?

**Buscando
amorosamente seguir
Jesus em Nazaré, Charles
de Foucauld acentua o
despojamento (abjeção)
do Filho de Deus, seu
“colocar-se no último
lugar”.**

Buscando amorosamente seguir Jesus *em Nazaré*, Charles de Foucauld acentua o *despojamento* (abjeção) do Filho de Deus, seu “colocar-se no último lugar”. Desenvolve uma verdadeira “mística da kénosis”: esvaziar-se a si mesmo a fim de criar espaço para Deus e

para o próximo e, assim, chegar à liberdade de espírito e à verdadeira alegria interior. Numa das anotações sobre o Evangelho, no ano de sua morte (1916), escreve: “Embora por um lado tudo seja indiferente, devo preferir a abjeção à honra, o esquecimento ao fato de ser alvo de atenções, a penúria à abundância, para me assemelhar a Jesus”¹¹.

Ser cristiforme se traduz também em gestos e atitudes inspirados no Jesus histórico, cujo eco encontramos nos Evangelhos. Assim, Irmão Carlos dá muita importância à amizade, à bondade, à hospitalidade, à capacidade de escuta e de aconselhamento. Escreve: “Meu apostolado deve ser o apostolado da bondade. Quem me vê deve pensar: ‘Já que este homem é tão bom, sua religião deve ser boa’. Se me perguntarem por que sou dócil e bom, devo

⁸ Benito CASSIERS et alii, *Eu sou teu irmão*, p. 33.

⁹ Charles de FOUCAULD, *Cartas e anotações*, p. 68.

¹⁰ *Ibid.*, p. 160.

¹¹ *Ibid.*, p. 208.

dizer: 'Porque sou servidor de alguém muito melhor do que eu. Se vocês soubessem quão bom é meu Mestre Jesus!''¹².

2.2. A contemplação de Deus em Jesus

Charles de Foucauld foi um autêntico contemplativo no sentido genuinamente cristão do termo. Trata-se de uma atitude existencial de abertura ao que existe de mais profundo na realidade. Indica um descer às profundezas do ser, onde se entra em comunhão com Aquele que é o sentido derradeiro de todas as coisas. Para Irmão Carlos significa simplesmente olhar para a realidade *com os olhos de Deus* e perceber como nela se manifesta seu Espírito de amor.

Passa longas horas em adoração silenciosa, expressando assim seu amor e amizade para com aquele que é a razão última de sua existência. E, através de Jesus, se volta ao Pai, a quem se entrega sem medida, buscando amorosamente sua Vontade.

Rezar para ele é pensar em Deus, amando-O seguindo nisso as lições espirituais de Teresa d'Ávila. Orar proporciona-lhe um conhecimento experimental de Jesus, o que permite viver em sua intimidade e manter um contato pessoal com ele¹³. Passa, igualmente, por períodos de aridez e tédio es-

piritual, como testemunha em um escrito de 22-10-1898: "Diante do Santíssimo não consigo mais fazer oração prolongada. Meu estado é estranho: tudo me parece vazio, vazio, oco, nulo, infinitamente, salvo manter-me aos pés de Nosso Senhor e olhar para Ele... Mas depois, quando me encontro a seus pés, fico árido, tívio, sem palavra ou pensamento. Freqüentemente, ai de mim, acabo por adormecer..."¹⁴

Notável é a centralidade eucarística na sua vida espiritual. Para ele a Eucaristia é, antes de tudo, a presença real da pessoa de Cristo, agora, no meio de nós. É Jesus presente em ato salvífico. Tornou-se sacerdote para poder ministrar a eucaristia. Na sua visão, o presbítero deve desaparecer para ceder lugar à Presença viva do Senhor¹⁵.

O Jesus que se doa gratuitamente na eucaristia é indissociável do Jesus presente nos

pobres e abandonados. A passagem de Mt 25,31-40, sobre "os menores dos meus irmãos", teve uma duradoura influência sobre Charles de Foucauld. Quem participa da mesa eucarística, por coerência evangélica, deseja, ele mesmo, ser pão repartido e vinho derramado para os outros. O serviço eucarístico e o serviço aos

Notável é a centralidade eucarística na sua vida espiritual. Para ele a Eucaristia é, antes de tudo, a presença real da pessoa de Cristo, agora, no meio de nós.

pobres são, na mente do Irmão Carlos, duas dimensões da mesma realidade e veneração do Corpo de Cristo.¹⁶

¹²In: Ion Etxezarreta ZUBIZARRETA, *Irmão Carlos de Foucauld*, p. 185.

¹³Benito CASSIERS et alii, *Eu sou teu irmão*, p. 54.

¹⁴Charles de FOUCAULD, *Cartas e anotações*, p. 128.

¹⁵Cf. Ion Etxezarreta ZUBIZARRETA, *Irmão Carlos de Foucauld*, p. 249.

¹⁶Cf. CMBR, *Op zoek...*, p. 57.

Durante toda a sua vida Foucauld foi um amante da solidão e do silêncio. Era uma espécie de segunda natureza que, provavelmente, tem suas raízes na primeira infância. Essa tendência natural é sublimada na sua vocação religiosa. “O Pai celeste pronunciou uma palavra e esse Verbo era seu Filho. Ele continua a pronunciá-la, sem cessar, num silêncio eterno e é nele que a alma a ouve...” (São João da Cruz). O ambiente propício desse silêncio, repleto de presença divina, ele o encontra no deserto. É nesta realidade — que, obviamente, ultrapassa a categoria física — que o ser humano pode melhor desprender-se de si mesmo e ficar concentrado no “único necessário”. Em 1898 escreve: “É preciso passar pelo deserto... é lá que nos esvaziamos e nos desprendemos de tudo que não seja Deus... É necessário este silêncio, este recolhimento, este esquecimento de tudo para que Deus estabeleça a

vida íntima com Ele, a conversação da alma com Deus na fé, na esperança e na caridade... Mais tarde a alma produzirá frutos exatamente na mesma medida em que nela tenha sido formado o homem interior. Se não houver essa vida interior de nada servirão o zelo, boas intenções, muito trabalho, pois os frutos restarão nulos...”

2.3. A presença missionária

O Foucauld contemplativo é ao mesmo tempo o “eremita-missionário”. O amor incondicio-

O amor incondicional por Jesus leva-o a compartilhar a obra redentora de Jesus: anunciar a todos, sem exceção, a boa-nova da salvação.

nal por Jesus leva-o a compartilhar a obra redentora de Jesus: anunciar a todos, sem exceção, a boa-nova da salvação. Numa meditação sobre o texto de Lc 11,21 diz: “Se queremos imitar Jesus, como é nosso dever, a primeira coisa a fazer é trabalhar na salvação dos homens como sendo a obra de nossa vida. Nela empregar o melhor de nossas forças e de nossos esforços, seja qual for nossa condição”¹⁷. Cresce nele a firme convicção de que a salvação é universal e não exclui absolutamente ninguém. Ele mesmo não se sente chamado a um apostolado direto, como a maioria dos missionários. Quer ser uma simples presença da verdade do Evangelho em meio daqueles que ainda desconhecem o Salvador. É sua *intuição nazarena* da missão: “gritar o Evangelho pela vida”, e isso significa concretamente ser homem de intensa oração/contemplação e ver Jesus sobretudo nos últimos, nos pobres. Para Foucauld

esta presença encarnada se torna palpável na amizade e se realiza sempre com meios pobres, nunca apelando à força, à imposição, ou precorrendo o prestígio social. O Evangelho é, antes de tudo, uma vivência testemunhal de grande simplicidade e jamais uma ostentação de superioridade religiosa ou espetáculo de exclusividade da verdade. Uma *presença missionária* empregará recursos eminentemente evangélicos, tais como: a bondade, o respeito pelas riquezas religiosas e culturais dos povos. Foucauld promovia, já no seu tempo, o que hoje chamamos de *inculturação da fé cristã*: um cristianismo em

¹⁷ Charles de FOUCAULD, *Cartas e anotações*, p. 222.

diálogo com as culturas e com as diferentes tradições religiosas. Irmão Carlos parte concretamente da realidade do povo no qual se encontra inserido, procurando identificar-se com ele com espírito fraterno e solidário. Assim, faz ingentes esforços para se aproximar dos tuaregues, em Tamanrasset, onde passará os últimos 12 anos de sua vida.

Como já assinalamos, aprende a língua deste povo e se familiariza com as suas tradições culturais. "Com todas as minhas forças — escreve ao Padre Huvelin, a 15-7-1904 — busco mostrar, provar a estes pobres irmãos que nossa religião é toda de caridade, de fraternidade, que seu conjunto é um coração"¹⁸.

A inculturação tem sua inspiração evangélica na *fraternidade universal*. Para Charles de Foucauld todos os seres humanos são verdadeiramente irmãos em Deus, nosso Pai comum e, por isso, devem amar-se afetuosamente. Ele mesmo gosta que o chamem de "irmão universal" e escolheu para si um nome pelo qual os autóctones pudessem conhecê-lo: *Abd-Isa*, isto é, *servo de Jesus*. De fato, ele servirá a Jesus, praticando indistintamente a fraternidade para com todos!

"Não quer que sua casa tenha limites, quer que ela se apresente como uma pequena fraternidade, uma *khaoua*: 'Os nativos começam a chamá-la — observa numa de suas correspondências — a *khaoua*, e a saber que ali

os pobres têm um irmão, não só os pobres, mas todos os homens... Quero acostumar todos os habitantes, cristãos, muçulmanos, judeus, idólatras, a considerar-me como seu irmão, o irmão universal. Eles estão começando a denominar a casa a *fraternidade (khaoua em árabe)* e isso é um prazer para mim"¹⁹.

Foucauld promovia, já no seu tempo, o que hoje chamamos de inculturação da fé cristã: um cristianismo em diálogo com as culturas e com as diferentes tradições religiosas.

Nessa universalidade fraterna os pobres e marginalizados ocupam nitidamente o primeiro lugar. Charles de Foucauld vai diretamente à sua procura, "movido por misericórdia". Quer ser solidário com os últimos, na qualidade de um *servo de Jesus*, este mesmo Jesus que ama os pequenos preferentemente. A compaixividade do Irmão Carlos é notável. Numa de

suas anotações recomenda: "Sê bom e compassivo; que nenhuma miséria te deixe insensível. Vê Jesus em todo humano. Faze ao próximo o que queres que ele te faça"²⁰. Compaixividade inclui necessariamente a luta pela justiça. Charles de Foucauld não se cala quando estão em jogo os direitos humanos mais elementares, como mostra sua atuação em relação à prática da escravidão, tolerada pelo regime colonial francês, no Norte da África. Em carta de 7-2-1902, ao Dom Martinho, Abade do Mosteiro trapista de Nossa Senhora das Neves, declara: "... Não temos o direito de ser *sentinelas que dormem, cães que não ladram, pastores indiferentes*... Pergunto-me se não temos de

¹⁸ Ibid., p. 166.

¹⁹ Jean-François SIX, *Charles de Foucauld*, p. 43.

²⁰ Charles de FOUCAULD, *Cartas e anotações*, p. 214.

elevar a voz, direta ou indiretamente, para dar a conhecer na França essa injustiça e esse roubo sancionado, que é a escravatura em nossas regiões, e dizer ou fazer com que seja dito: eis o que se passa, *non licet!*... É Jesus que está nessa dolorosa condição, 'o que fizerdes a um desses pequeninos é a mim que fazeis'. Não quero ser um mau pastor ou um cão que não ladra... Tenho medo de sacrificar Jesus ao meu comodismo e à minha grande inclinação pela tranquilidade, à minha covardia e timidez naturais...²¹

Numa época de impressionante pluralismo, em todos os segmentos da sociedade, coloca-se com força a pergunta sobre o que realmente é decisivo na vida.

3. A atualidade do carisma foucauldiano para a Igreja e a Vida Religiosa

Qual mensagem Charles de Foucauld tem para a Igreja e a Vida Consagrada no início deste século XXI? Pensamos que seu conteúdo possa ser compendiado em três pontos: a incessante busca de Deus no quotidiano da vida, a dimensão nazarena da vida cristã, o diálogo aprofundado com o diferente.

3.1. A busca do Absoluto de Deus

Numa época de impressionante pluralismo, em todos os segmentos da sociedade, coloca-se com força a pergunta sobre o que realmente é decisivo na vida. Para o cristão apresenta-se aqui a questão do absoluto de Deus, um Deus

cuja revelação plena nos é dada em Jesus Cristo, o Filho de Deus encarnado. O que significa concretamente que Deus é Pai, simultaneamente um Ser infinitamente transcendente e infinitamente imanente, um Deus absolutamente inatingível na sua grandeza e um Deus intimamente próximo a nossa realidade terrestre. Charles de Foucauld chegou, progressivamente, a uma experiência verdadeiramente cristã de Deus, a partir de um encontro com o Absoluto, o Senhor Criador, imensamente grande e poderoso, reverenciado com impressionante respeito pelos muçulmanos. E ficou conhecendo um Deus próximo e amigo atra-

vés da pessoa de Jesus, de Jesus Nazareno. Apaixonou-se por este Jesus histórico a quem chamava seu *bem-amado Irmão e Senhor*. Por meio de Jesus de Nazaré chega a abraçar incondicionalmente o Pai. Famosas são suas palavras referentes à sua conversão, aos 28 anos de idade (1886): "Imediatamente, ao crer que havia um Deus, compreendi que não podia deixar de viver só para Ele. Minha vocação religiosa data do mesmo instante que minha fé" (Carta a Henri de Castries, de 14-8-1901). Com incomum ardor põe-se à procura deste Deus. Não é uma busca tranqüila e sem obstáculos, pelo contrário, é uma aventura de fé, que envolve toda a sua pessoa.

Particular importância Foucauld dá ao discernimento espiritual: O que é que Deus — que tanto me ama — quer de mim? Como e onde se manifesta a sua Vontade? A procura

²¹Denise e Roberto BARAT, *Charles de Foucauld e a fraternidade*, p. 128.

constante da vontade do Pai é a preocupação central de Jesus, e Foucauld o segue de perto nesta busca. Uma expressão típica desta sua atitude existencial é a conhecida *Oração do abandono*, diariamente rezada na Família espiritual do Irmão Carlos de Jesus. Na sua atual redação foi composta depois da morte do eremita, mas os elementos básicos se encontram na sua reflexão da passagem de Lc 23,46: "Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito". "É esta — comenta Irmão Carlos — a última prece do nosso Mestre, de nosso Bem-amado... Que seja também a nossa... Não apenas de nosso último instante, mas de todos os instantes: 'Pai, entrego-me nas vossas mãos. Pai, abandono-me a Vós, confio em Vós. Pai, fazei de mim tudo o que for do Vosso agrado'. Seja o que for que fizerdes comigo, agradeço-Vos! Obrigado por tudo, estou pronto para tudo. Contanto que Vossa vontade se realize em mim, meu Deus. Contanto que Vossa vontade se cumpra em

todas as Vossas criaturas, em todos os Vossos filhos. Que façam Vossa vontade todos aqueles que Vosso coração ama... Nada mais desejo, meu Deus! Entrego minha alma em Vossas mãos. Eu vô-la dou, meu Deus, com todo o amor de meu coração, porque Vos amo e é uma necessidade de amor para mim esta doação, esta entrega entre Vossas mãos sem condições, sem limites. Entrego-me nas Vossas mãos com infinita confiança, pois sois meu Pai..."²² Foucauld coloca-se aqui na grande tradição cristã que vê na busca da vontade de Deus — sempre uma vontade salvífica para

nosso bem — o âmago de toda a vida de um cristão e a razão de sua oração. Interessante notar que o conteúdo da mencionada oração de Foucauld está igualmente presente no livro da *Imitação de Cristo*, obra atribuída a Tomás Hemerken (meados do século XV): "Fazei de mim, Senhor, tudo o que quiserdes, contanto que permaneça em Vós, reta e firme, a minha vontade. Pois não pode deixar de ser bom tudo o que fizerdes de mim. Se quereis que esteja nas trevas, bendito sejais; e se quereis que esteja na luz, sede também bendito, e se quereis que esteja atribulado, sede igualmente para sempre bendito" (Livro III, cap. 17, n.2; ver também Livro III, cap. 15, n.2).

Rezar esta *Oração da Entrega* é descentrar-se de si mesmo e orientar-se inteiramente para Deus e para a causa de seu Reino. É uma oração libertadora voltada para a essência de toda atividade orante: a comunhão com Deus-Pai, por Jesus, na unidade do Espírito. Não obstante a oração foucauldiana

deixe de mencionar explicitamente o nome de Jesus, toda prece é permeada de sua presença filial. Supérfluo dizer como é atual esta atitude de abandono, de confiante entrega a Deus, para nós, religiosos, hoje. Remete-nos ao fundamento de nossa consagração: viver para Deus, abraçando sua causa, que coincide com o anúncio e a instauração de seu Reino, com tudo que isso significa em termos de engajamento social, para que na sociedade de nossos dias haja justiça, paz, solidariedade e compaixão. Como é importante, neste momento,

A procura constante da vontade do Pai é a preocupação central de Jesus, e Foucauld o segue de perto nesta busca.

²²Charles de FOUCAULD, *Cartas e anotações*, p. 108.

que a Vida Religiosa se descentre de si mesma, de sua comodidade e estruturas de segurança, para lançar-se na aventura da fé, por caminhos que o Espírito — mediante os *sinais dos tempos* — está abrindo para nós.

Na sua busca apaixonante por Deus, Charles de Foucauld nos mostra a riqueza de sua experiência de deserto, não tanto no que diz respeito ao lugar geográfico, mas, sim, ao seu significado espiritual. No despojamento do supérfluo, na solidão em que nos confrontamos diretamente com nós mesmos e com as nossas mais secretas motivações, é que perceberemos, com acuidade maior, o derradeiro sentido da nossa existência. “Nas profundezas descobrimos o único e mesmo rio subterrâneo que alimenta as fontes de água na superfície” (Frei Fabiano, ofm). Como é urgente revalorizar também o silêncio para nos situarmos novamente no nosso verdadeiro ser, numa atitude existencial diante do Absoluto. Com fina sensibilidade o percebeu o Papa Paulo VI, na sua visita a Nazaré (5-1-1964): “Ó como gostaríamos de voltar à infância e seguir essa humilde e sublime escola de Nazaré!... Primeiro, uma lição de silêncio. Que renasça em nós a estima pelo silêncio, essa admirável e indispensável condição do espírito; em nós,

bras dos verdadeiros mestres. Ensina-nos a necessidade e o valor das preparações, do estudo, da meditação, da vida pessoal e interior, da oração que só Deus vê no segredo”.

Deveríamos criar na nossa Vida Religiosa espaços para este silêncio interior e também lugares específicos onde pudéssemos reaprender a apreciá-lo e experimentar concretamente como faz bem ao corpo e ao espírito. Não seria uma nobre missão da Vida Consagrada, hoje, ajudar seus próprios membros e outras pessoas, a sentir novamente a sede pelo *deserto* e pelo *silêncio*, numa sociedade em que literalmente tudo convida constantemente à dispersão e à superficialidade? A espiritualidade foucauldiana pode oferecer uma fecunda inspiração na busca de caminhos concretos.

Charles de Foucauld nunca se contentou com o simplesmente instituído. Foi um homem sempre à procura daquilo que mais lhe parecia conforme à vontade divina. Era alguém aberto ao que hoje chamamos *os sinais dos tempos*, e também dócil à orientação de pessoas maduras na fé. Está aqui, igualmente, um desafio para nós religiosos e religiosas, hoje. Temos grande necessidade de auscultar os novos apelos do Espírito e temos urgência de nos escutarmos bem uns aos outros,

Deveríamos criar na nossa Vida Religiosa espaços para este silêncio interior e também lugares específicos onde pudéssemos reaprender a apreciá-lo e experimentar concretamente como faz bem ao corpo e ao espírito.

na busca dos caminhos do Senhor neste momento da história.

Talvez a mensagem mais premente de Foucauld para a Vida Religiosa no nosso Continente é a radicalidade do seguimento de Jesus,

numa vida cada vez mais cristiforme. “A semelhança e a imitação são necessidades imperiosas do amor. São graus daquela unificação para que tende o amor, natural e necessariamente. A semelhança é a medida do amor”, diz o Irmão Carlos na sua reflexão sobre o texto de Lc 9,26²³. Estão aqui o cerne e a razão de ser da Vida Consagrada, sendo ela

— como comenta o Papa João Paulo II — “caminho de especial seguimento de Cristo, para se dedicar a Ele de coração ‘indiviso’ (cf. 1Cor 7,34)”, constituindo “a forma de vida praticada pessoalmente por Jesus e por Ele proposta aos discípulos”. Assim apresenta-se como “uma opção que se exprime na radicalidade do dom de

3.2. O modo nazareno de ser cristão

Já vimos acima o que é *ser nazareno* na espiritualidade de Foucauld. Queremos agora aplicar isso à Vida Consagrada. Experimentamos, um pouco por toda parte, um acentuado cansaço dos consagrados, um certo *desencanto*, algo que não se deixa facilmente definir mas

que está no ar. Há entre muitos de nós uma forte intuição de que estamos numa encruzilhada histórica e que as formas tradicionais de consagração religiosa já não mais respondem aos anseios de hoje. Fala-se do *esgotamento de um modelo* e de *mudança de época*. Irmão Carlos, no seu tempo, passou *mutatis mutandis* por uma mesma sensação.

Talvez a mensagem mais premente de Foucauld para a Vida Religiosa no nosso Continente é a radicalidade do seguimento de Jesus, numa vida cada vez mais cristiforme.

Teve de romper com estruturas e formas concretas, o que não aconteceu sem dores e muitas incertezas. Criou um novo estilo de Vida Religiosa, o que provocou críticas e ceticismo em círculos apegados às formas convencionais. Fundamentalmente sua opção se baseia no seguimento incondicional de Jesus *em Nazaré*,

na sua longa experiência de nazareno, isto é, uma pessoa desconhecida, perdida numa localidade sem importância social e política, profundamente inserida no meio do povo simples e trabalhando com as próprias mãos. Foucauld queria uma Vida Consagrada a partir desta experiência jesusânica. Mas, perguntamo-nos, em que consistia concretamente? Irmão Carlos buscava um equilíbrio entre contemplação e ação, entre *simples presença* e *engajamento apostólico*. O que claramente não queria era uma ação missionária ministerial direta. Era sua convicção de que a vida cristã, vivida com autenticidade, é por si evangelizadora. Igualmente acreditava que o Jesus histórico no seu todo nos salva. Não somente há salvação nos últimos três anos de sua vida, mas sua inteira existência

²³Charles de FOUCAULD, *Meditações sobre o Evangelho*, p. 155.

²⁴JOÃO PAULO II, *Exortação apostólica pós-sinodal “Vita Consecrata”*, n.1b, 31d e 3b.

apresenta-se como salvífica, desde o momento da encarnação, passando pela sua *vida oculta*. “A grande lição de Nazaré, trazida à tona, com toda a força, pela vida do Irmão Carlos de Jesus, é que a salvação acontece no quotidiano da nossa vida, na nossa labuta por pão, em meio aos pequenos gestos de fraternidade. E não é sem importância que a salvação principia lá onde ela parece não existir: no meio dos mais esquecidos e abandonados”²⁵.

Foucauld sonhava com uma Vida Religiosa de pequenas comunidades contemplativas, inseridas na realidade comum — no *coração da massa* — dando nítida preferência aos pobres²⁶. Há nele uma paixão pela unidade: viver a ex-

periência íntima de Deus (contemplação) em solidariedade e no mais fundo da realidade humana²⁷. A própria irradiação de uma vida evangelicamente vivida se constitui em *envio*, pois esta irradiação já é apostólica por si!

A opção nazarena exclui conscientemente toda ostentação de poder ou prestígio social. Sua marca registrada é a simplicidade, no sentido original do termo: uma só motivação de base. Não se recorre a métodos sofisticados, planejamentos por demais calculados, e, menos ainda, à força ou à coação. Há uma despreziosa convivência com a vizinhança, na amizade, partilha e solidariedade, dinâmica vivida num recíproco dar e receber. René Voillaume

²⁵Extraído de um texto do jovem frei franciscano Fabiano Aguilar Satler (*pro manuscripto*), generosamente colocado à nossa disposição. Ver também: Card. José Saraiva MARTINS, *O beato Charles de Foucauld: profeta da fraternidade*, p. 8, c. 2: “O elemento mais novo do ensinamento de Charles de Foucauld sobre o mistério de Nazaré é que a vida escondida de Nazaré não foi unicamente uma etapa na preparação de Jesus para sua missão de Salvador, por quanto preponderante cronologicamente, era já salvação que começava a agir, por meio dele... Assim, uma alma plena de Jesus pode levar a salvação”.

²⁶Benito CASSIERS et alii, *Eu sou teu irmão*, p. 45: “A intuição era novidade para seu tempo, pois até aquele momento a chamada ‘vida oculta’ de Jesus tinha-se identificado com a vida monástica. O Irmão Carlos intuiu que o seguimento de Jesus no mistério de Nazaré, longe de levá-lo à vida enclausurada, impelia-o ao contrário a misturar-se com o povo e a ser como Jesus um a mais entre os pobres e desprezados. Sua vida contemplativa se desenvolveria no meio de gente humilde. Conheceria em profundidade o coração do Senhor na medida em que vivesse materialmente como ele viveu. Faria a experiência de fraternidade universal e a proporria ao mundo”.

²⁷Carlos Palácio, *Reinterpretar a Vida Religiosa*, p. 7: “Não seria exagerado afirmar que a Fraternidade [de Charles de Foucauld] é a única fundação moderna que tentou responder, na sua gênese mesma, e de maneira original e criadora, às contradições internas nas quais se debatia a Vida religiosa tradicional. Ela não nasce, contudo, como reação contra. Um de seus méritos é ter recriado os pressupostos a partir dos quais pudesse ser resgatada a unidade do projeto evangélico. Por isso, a Fraternidade é, em si mesma, uma aposta contra todas as formas de separação (vida ativa e vida contemplativa; o ser profundo e a missão; experiência de Deus e realidade humana, etc.) que acabaram fazendo da Vida Religiosa um mundo à parte, segregado e estranho. Independentemente das objeções que a forma de vida da Fraternidade possa suscitar, hoje, para certas maneiras de entender o compromisso com os pobres, é inegável que nela emerge uma figura nova de Vida Religiosa. Uma de suas características é a síntese vital. Essa paixão pela unidade de contrários, esse nascer situado a partir dos mais pobres e de estar habitada pelo dinamismo de uma encarnação kenótica, na qual a paixão por Deus e a paixão pelo homem são inseparáveis, desde a sua origem. É nesse sentido que a teologia que a sustenta pode ser inspiradora para nós, sem que sua figura tenha de ser vista, por isso, como um modelo a ser copiado por todos”.

(+2003) — aquele que dará início (1933) aos Irmãozinhos de Jesus, Congregação Religiosa que quer viver o ideal evangélico de Charles de Foucauld — esclareceu: “Irmão Carlos sonha com uma autêntica vida religiosa contemplativa, sem encargo de ministério, sem pregação, mas bem simplesmente misturada aos homens, na pobreza de um verdadeiro labor e em testemunho de um total amor fraterno. Sonha, numa palavra, em ‘gritar o Evangelho por toda a vida’. Em sua alma, todos esses elementos são muito simplesmente unificados e simultaneamente vividos na missão de um amor muito grande”²⁸. Em seguida adverte: “Que a organização em vida religiosa não venha enfraquecer ou destruir toda a verdade do duro labor quotidiano, da pobreza efetiva e da incerteza do dia seguinte, conseqüências de uma autêntica pobreza operária”²⁹.

Percebemos pelas citações aduzidas que Foucauld privilegia sem rodeios “os últimos” da sociedade. É lá que se deve viver, preferentemente, a *vida de Nazaré*, como “petits frères”, irmãozinhos, em espírito de serviço e em solidariedade. Assim também esses *religiosos nazarenos* serão uma interpelação para a Igreja e para uma sociedade instalada no seu próprio

bem-estar. “No dia em que não formos mais, de certo modo, um ponto de interrogação para os homens, podemos dizer a nós mesmos que cessamos de levar entre eles a presença do Grande Invisível”³⁰.

De notória atualidade é a iniciativa de Foucauld de associar leigos e leigas à sua obra de *presença missionária*, novos Priscilas e

Áquilas (cf. At 18, 2. 18; Rm 16,3), modalidade de participação que hoje é conhecida como *associação*. Na França ele criou a “União de Irmãos e Irmãs do Sagrado Coração de Jesus” ou “União Apostólica Universal”, para a qual escreveu uma *Regra*, a que deu o nome de *Conselhos*. Trata-se de um código de vida com exigências evangélicas simples, mas de grande vigor³¹.

No artigo 28 declara: “Os ir-

mãos e as irmãs devem ser uma pregação viva: cada um deles seja um modelo de vida evangélica. Observando-os, deve-se poder ver o que é a vida cristã, o que é a religião cristã, o que é o Evangelho, o que é Jesus... O exemplo é a única obra exterior pela qual eles poderão agir sobre as almas rebeldes a Jesus, que não querem nem escutar as palavras de seus servidores, nem ler seus livros, nem aceitar sua amizade, nem se comunicar de algum modo com eles”.

**A opção nazarena
exclui conscientemente
toda ostentação de
poder ou prestígio
social. Sua marca
registrada é a
simplicidade, no sentido
original do termo: uma
só motivação de base.**

²⁸ René VOILLAUME, *Fermento na massa*, p. 162.

²⁹ *Ibid.*, p.150. O desejo do Irmão Carlos de “imitar a vida humilde e laboriosa de seu *bem-amado Irmão e Senhor* está mesmo de maneira direta na origem daquilo que é verdadeiramente novo e propriamente original em sua concepção de vida religiosa. Nazaré inspirou ao Padre de Foucauld uma *nova forma de vida exterior*, enquanto que sua *espiritualidade* se alimenta na plenitude do mistério de Jesus, ao qual se une através do evangelho” (p. 165).

³⁰ *Ibid.*, p. 203.

³¹ Jean-François SIX, *Carlos de Foucauld hoje*, p. 70-71.

Do acima exposto vêm fortes interpelações para as atuais Ordens e Congregações Religiosas. Até que ponto não nos fixamos num determinado modelo de vida consagrada que, na realidade, contribui para a acomodação e nivelação dos carismas? Uma vida religiosa confortavelmente instalada em estruturas que garantem e possibilitam um bem-estar material em que literalmente não falta nada. Somos ca-

Até que ponto não nos fixamos num determinado modelo de vida consagrada que, na realidade, contribui para a acomodação e nivelação dos carismas?

pazes de dar um testemunho evangélico que “escandaliza” e que vai na contra-mão das atuais tendências de individualismo, hedonismo e “vantagem em tudo”? Não deveríamos questionar seriamente nossa convivência comunitária que, freqüentemente, não passa de uma justaposição de pessoas que sabem evitar conflitos, mas pouco partilham em profundidade? E o que dizer da *nova moda* que invadiu a Vida Religiosa institucional: a corrida atrás de títulos acadêmicos e certificados de cursos “superiores”, vazios muitas vezes pelo fato de ostentar um enganador intelectualismo, voltado para a própria promoção do/a consagrado/a? Não se trata, evidentemente, de uma qualificada formação intelectual ou técnica, visando um serviço apostólico de qualidade, mas de uma mentalidade que se centraliza em interesses puramente subjetivos. Também podem ser questionados as atuais *aparências* (fazer-de-conta) que buscam dar *visibilidade* (diria até “propaganda enganosa”) a um modo-de-vida que seria melhor que ficasse escondido para não causar escândalo.

Há mais; em geral, nós religiosos, somos ricos e socialmente muito bem assegurados em praticamente todos os setores da vida. “Dinheiro para nós não é problema”, disse recentemente um superior provincial! E com esta ingênua exclamação disse também tudo! Em ambientes como esses é que são introduzidos os candidatos dos nossos Institutos e como assimilam com facilidade a mentalidade que neles respiram!

Existe uma distância quilométrica entre os religiosos tradicionais e o nosso povo simples (admiráveis exceções confirmam, também aqui, a regra). Em todo este contexto os desafios apresentados por Charles de Foucauld são de uma extrema atualidade.

Frei Betto OP, refletindo sobre o singular testemunho do Irmão Carlos de

Jesus, escreveu com propriedade: “Num tempo em que a religiosidade orna-se de ruídos e jogos de efeito, a espiritualidade de Foucauld é um contraponto para quem se sente mais evangélico no silêncio da oração, no serviço aos pobres, no anonimato inspirado na vida oculta de Jesus em Nazaré. A busca da fama é incompatível com a fome de Deus. Como ensinou João, o Batista, é uma arte saber recolher-se para que Jesus possa sobressair”³².

3.3. O diálogo com o diferente

Pelo seu próprio testemunho de vida, Charles de Foucauld evidencia que a consagração religiosa não existe para si mesma. Sendo uma

³²FREI BETTO, *Revista Sem Fronteiras*, set. de 2003, p. 35.

forma singular de seguimento de Cristo, deve assumir as mesmas opções de vida do seu Senhor. Jesus entendeu sua missão como essencialmente salvífica: um serviço aos homens por expressa vontade do Pai. "Deus quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade" (1Tm 2,4). Fruir da solidão e deleitar-se com um silêncio calmo e tranquilizador, nunca podem ser para nós, religiosos e religiosas, um fim em si. Enquanto andamos aqui na terra, a verdadeira contemplação cristã desdobra-se, por coerência evangélica, em doação apostólica. A clausura não pode produzir um isolamento, um fechamento sobre si mesmo, pessoal ou comunitariamente. Vida cristã, segundo o espírito de Jesus, sempre procura estabelecer comunhão de vida com Deus e com os irmãos. Todos nós somos — em virtude de nosso batismo — chamados a anunciar a boa-nova do Reino, embora as modalidades desta missão possam variar consideravelmente. Foucauld, como já vimos, entende sua missão apostólica na perspectiva de Nazaré. Não é a única opção e não é necessariamente a melhor ou mais perfeita. Mas não deixa de ser uma dimensão essencial do mistério de Cristo e, ao que parece, de uma grande atualidade num mundo em que as instituições oficiais do cristianismo sofrem forte abalo e, não raras vezes, caem em

**Fruir da solidão e
deleitar-se com um
silêncio calmo e
tranquilizador, nunca
podem ser para nós,
religiosos e religiosas,
um fim em si.**

descrédito pelas próprias contradições que manifestam.

Evangeliza-se — na visão de Charles de Foucauld — pelo testemunho silencioso da própria vida. A 10-2-1910, escreve a alguém que queria partilhar sua experiência no deserto: "Há sempre muito que fazer pelo exemplo, pela bondade e a oração. Podem-se estabelecer relações mais amigáveis com almas indiferentes ou afastadas da fé a fim de as ir levando, pouco a pouco, à força da paciência, mansidão, bondade, pela influência da virtude mais do que por conselhos, a uma vida mais cristã ou à fé. Pode-se entrar em relações de amizade com pessoas completamente contrárias à religião para dissipar, pela bondade e a virtude, suas prevenções, encaminhando-as deste modo a Deus..."³³

Charles de Foucauld, já no início do século XX, ou seja, praticamente há cem anos, praticava o que hoje conhecemos como *inculturação e diálogo inter-religioso*. Foi, nesses campos, um pioneiro em plena época colonial. Pioneiro com as limitações impostas naquele tempo pela mentali-

dade eclesiástica e pelos condicionamentos políticos³⁴. Promoveu uma concepção diferente da missão *ad gentes*, respeitando o ser diferente do outro e de sua cultura. Insistiu na solidariedade e na possibilidade de diálogo e, neste sentido, encaminhou iniciativas verdadeiramente

³³ Charles de FOUCAULD, *Cartas e anotações*, p. 198.

³⁴ Miguel MARTEL, *Carlos de Foucauld*. In: Benito CASSIERS et alii, *Eu sou teu irmão*, p. 22: "... Ele via no colonialismo que ia submetendo esses povos uma oportunidade histórica para que eles pudessem romper suas estruturas feudais e escravagistas e abrir-se a uma cultura mais moderna e mais universal".

inovadoras. Escreveu a respeito disso o Papa João Paulo II: "O Irmão Carlos que, para traduzir os Evangelhos, aprendeu a língua dos tuaregues, compondo um léxico e uma gramática nesse idioma, não exorta, porventura, as pessoas que se inspiram no seu carisma a entrar em diálogo com as culturas dos homens de hoje e a percorrer o caminho do encontro com as outras tradições religiosas, em particular com o Islã? Assim, as diferentes comunidades religiosas serão verdadeiramente 'como comunidades comprometidas num diálogo de respeito, e nunca mais como comunidades em conflito' (Discurso na Mesquita Omeyade, em Damasco, na Síria, 6-5-2001)... Que as instituições espirituais do Padre Charles de Foucauld continuem a imbuir na vida

da Igreja que o amor é mais forte do que todos os tipos de tensão e de divisão"³⁵.

Foucauld nos ensina a termos atenção para com as coisas aparentemente sem importância, para com aquilo que se nos afigura tão comum, para com a vida "oculta" de tantas pessoas sem destaque social. Ele quer "marcar presença" no meio dessas realidades com a força da fé e o calor da amizade. E desta forma contesta esquemas de superioridade cultural e eclesial. Esforça-se por estar com "os últimos" e pretende, ele mesmo, ocupar "o último lugar", identificando-se com os pequenos e os pobres. Mostra-se, assim, francamente avesso a todo carreirismo na Igreja e rejeita uma posi-

ção privilegiada para o clero. Apresenta-se simplesmente como "Irmão Carlos", irmão menor (*petit frère* — irmãozinho) de seu Irmão maior, que é Jesus. Como Ele quer ser servo e irmão de todos, para levá-los indistintamente à nova vida que o Filho de Deus abriu para nós.

Em vez de uma Igreja triunfalista, *dona da verdade*, sempre reivindicando proteção e prerrogativas dos grandes deste mundo, sua opção é por uma Igreja pobre e servidora, na qual os pequenos se sentem "em casa", recebidos como hóspedes de honra na *Casa de Nazaré*. Na regra que elaborou para aqueles que quisessem compartilhar sua vida anota: "Ver em todo homem uma alma para salvar e dedicar-se à salvação dos homens como o seu Bem-amado, a tal ponto que o nome

de 'salvador' resuma a sua vida como resume a vida de Jesus". Para si adotou como lema *Jesus Caritas*, simbolizado num coração, encimado por uma cruz.

Conclusão

Ao que tudo indica, Charles de Foucauld não era um homem de fácil convivência. Por temperamento é impulsivo e frequentemente imprevisível. Faz planos ousados que depois, bruscamente, abandona ou modifica substancialmente. Sua vida apresenta numerosas rupturas e reviravoltas. Cioso de sua independência e

Foucauld nos ensina a termos atenção para com as coisas aparentemente sem importância, para com aquilo que se nos afigura tão comum, para com a vida "oculta" de tantas pessoas sem destaque social.

³⁵ Mensagem ao Bispo da Diocese de Viviers (26-5-2001).

liberdade, deixa-se, paulatinamente, seduzir por Aquele que se torna o grande Amor de sua vida. Chega, de fato, a uma generosa entrega de si mesmo a Deus, não obstante resistências que experimenta no seu interior. Venceu a si mesmo e encontrou-se no mais profundo de seu ser! Tornou-se pequeno e vulnerável e nesta condição pôde ser um dócil e providencial instrumento nas mãos de Deus, sobretudo em favor dos últimos, dos pobres e abandonados.

Na evolução de sua vida espiritual vemos surgir lentamente uma nova síntese entre contemplação e ação, entre o estar-com-Deus e a inserção fraterna nas realidades humanas mais comuns e desafiadoras.

A preciosa herança do Irmão Carlos de Jesus pode ser compendiada nos seguintes elementos intimamente associados: autêntico e cativante testemunho evangélico; solidariedade comprometida com aqueles que se encontram à margem da sociedade; diálogo inter-religioso, particularmente com o Islã, e, por fim, um valioso ensaio de inculturação da fé cristã, numa grande abertura ao diferente.

Em suma: uma mensagem de esperança que traz no seu bojo a utopia evangélica da *fraternidade universal*, capaz de superar as diferenças e as oposições étnicas, culturais e religiosas³⁶.

Existe um paralelismo surpreendente entre Teresa de Lisieux — nossa Santa Teresinha do Menino Jesus (1873-1897) — e Charles de Foucauld (1858-1916). Ambos trilham a *pequena via* ou o *caminho da infância espiritual*, marcada pela simplicidade, a confiante entrega à misericórdia divina e o zelo apostólico.

Interessante notar que Irmão Carlos de Jesus começa a sua *vida de Nazaré* no mesmo ano (1897) em que Teresa termina seu caminho terrestre. A mensagem espiritual de Foucauld prolonga e completa a de sua irmã na fé — nascida 15 anos depois dele — quando esta morre com apenas 24 anos de idade³⁷. Yves Congar OP (1904-1995) chamou Charles e Thérèse “os dois grandes luminares místicos da nossa época sombria” (“deux phares mystiques à notre époque si sombre”), mas podemos acrescentar a estes dois nomes um terceiro: o de Pierre Teilhard de Chardin SJ (1881-1955). Se Carlos e Teresinha vivenciam particularmente o mistério da encarnação divina, Teilhard aponta para o mistério da ressurreição de Cristo, verdade da fé igualmente central no cristianismo.

“Com a encarnação, Deus se faz pequeno, da medida de nossas dores e as de todos os que sofrem. Mas, faz-se pequeno e pobre não para nos consolar nessa condição, mas para nos revelar a nossa verdadeira grandeza. Esta grandeza é nossa vocação trinitária que se manifesta com a Ressurreição do Filho de Deus e o seu retorno ao seio da Comunidade Trinitária. A Trindade é, ela mesma, relação dinâmica e amorosa, fonte do relacionamento que une tudo e todos no Universo.

O Irmãozinho Charles de Foucauld é o testemunho mais visível [junto com Teresinha do Menino Jesus, acrescentaríamos] no meio de nós desse cristianismo dos pequenos, da encarnação de Jesus nas realidades terrenas. Por sua vez, a clarividência do Padre Teilhard de Chardin faz o nosso olhar descentrar-se da nossa pequenez para nos descobrirmos irma-

³⁶ Cf. CMBR, *Op zoek...*, p. 11.

³⁷ A exigüidade de um artigo (que mesmo assim ficou extenso) não permite desenvolver em pormenores este tema, assunto a ser retomado no projetado livro sobre Charles de Foucauld.

nados com todas as forças que regem o Universo. Pela ressurreição de Jesus, o Universo inteiro torna-se transparente e essa presença do Sagrado que se manifesta — mas não se confunde — em cada partícula subatômica ou estrela, verme ou animal, vinho e festa, pão e refeição. O Universo inteiro se converte, assim, em sacramento da presença da Trindade e permanece à espera de que eduquemos nosso olhar para enxergarmos essa presença”³⁸.

Charles de Foucauld não teve companheiros permanentes durante sua vida e não conseguiu nenhuma conversão entre os muçulmanos do Saara. Somente depois de sua morte vêm à luz famílias religiosas que retomam seu carisma, junto com grupos de leigos e movimentos de sacerdotes que se inspiram nele.

Os Irmãozinhos de Jesus surgem em 1933, sob a dinâmica orientação do Padre René Voillaume (1905-2003). Seis anos depois, Magdeleine Hutin dá origem às *Irmãzinhas de*

Jesus. A Família foucauldiana consta hoje de aproximadamente onze Congregações Religiosas, sete Associações de Leigos (entre os quais Institutos Seculares) e um Movimento de Presbíteros. Além desses grupos, existem numerosos outros que encontram na pessoa e na espiritualidade do Irmão Carlos de Jesus uma fonte de inspiração para seguir o Cristo, hoje, antes de tudo na sua *vida nazarena*.

“Tende muita concórdia entre vós — exorta São Paulo na sua Carta aos Romanos (12,16) — ; não tenhais pretensões a grandezas, mas deixai-vos atrair pelo que é humilde”.

Frater Henrique Cristiano José Matos. Doutor em Teologia – Presidente da Administração Superior e Professor do Centro de Estudos Filosóficos e Teológicos dos Religiosos, Instituto Santo Tomás de Aquino.

Endereço do autor:

Rua Anchieta, 646 – Pe. Eustáquio
30720-370 Belo Horizonte – MG

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1 - Até que ponto não nos fixamos num determinado modelo de vida consagrada que, na realidade, contibui para a acomodação e nivelção dos carismas
- 2 - Vivemos num mundo agitado e barulhento que nos força a correremos para não perdermos a marcha da história. Como criar na nossa VR espaços para o silêncio inerior e também lugares específicos onde possamos reaprender a apreciá-lo e experimentar concretamente como faz bem ao corpo e ao espírito?

³⁸Frei Fabiano Aguilar Satler, ofm, *pro manuscripto*.

“Para servir comandando e para comandar servindo. O Exercício do Poder na Vida Consagrada”¹

JOSÉ MARIA ARNAIZ, SM

Introdução

O exercício do poder na vida consagrada se apresenta como um verdadeiro sinal de contradição. Para alguns religiosos obedecer foi uma libertação e comandar um serviço; para outros o exercício da autoridade e da obediência comportaram muito sofrimento e foram expressão de um grande egoísmo e prepotência. Até mesmo o nome “superior” é conflitante. Se o tomarmos no seu sentido literal não é a palavra mais adequada, mais ainda é completamente desatinada. Quem comanda não é mais porque é superior, e quem obedece não é menos por não ser superior. Ajusta-se melhor a expressão que nos vem de São Bento: “Abade/essa” (pai-mãe / padre-madre).

Quero começar este artigo tomando o testemunho de alguém que exerceu bem a autoridade. Em 2001 a revista *Sal Terrae* publicou um número monográfico intitulado: “*Chaves para uma autoridade com encanto*”. O número era uma homenagem a uma pessoa que havia exercido a autoridade na Igreja com encanto. Essa pessoa tinha acabado de ser proclamada beata pela Igreja. Tratava-se de João XXIII. Ele comandou servindo. Teve o carisma da liderança, não foi difícil obedecê-lo.

Quais foram as marcas da sua maneira de proceder? Uma tendência clara à atuação colegial e sinodal, uma perspectiva mais atenta ao

conteúdo que à forma, um ritmo sossegado e simples, mais que um traço impositivo, uma preferência pelo essencial e simples, mais que pelo ideológico e deslumbrante, o amor pelo essencial o leva a descobrir o nível evangélico das situações, leva-o a abrir as portas mais que a fechá-las, a unir mais que a separar, a somar mais que a diminuir, a estimular mais que a controlar, a desafiar mais que a contentar. Não foi por acaso que João XXIII exerceu acertadamente o seu poder pastoral e animou a Igreja. Foi uma graça especial. A Igreja no coração do século XX precisava de uma pessoa carismática e humilde para a sua condução. João XXIII soube responder a este grande desafio.

Antes de entrar no tema vamos fazer algumas precisões. Primeiro, recorramos ao dicionário. Ali está escrito que poder é *domínio, mando, influência, autoridade para mandar*; é executivo, legislativo e judicial. O poder é também força, vigor, eficácia. Na pessoa humana há três grandes forças que são também três grandes tendências. A tendência a saber e conhecer, a ter e possuir e ao poder e comando. É necessário integrar bem estas forças e viver evangelicamente suas exigências. Sem dúvida, ter é poder; administrar informações é ter poder. Tudo isto faz com que haja quem mande muito e tenha muito poder e outros que não têm nada. Só lhes resta obedecer e permanecer submissos.

¹ Traduzido da Revista Testimonio n. 222, julho-agosto 2007, pp. 41-51

Porém, de fato, todos temos poder. Quem não comanda como capitão encontra um modo de comandar como marinheiro. Com frequência desejamos e buscamos o poder, apegamo-nos a ele e terminamos por gostar dele. Como em todo ser humano, existe também em nós uma forte tendência a comandar e uma reticência a ser comandado. Há arrogância e prepotência. Procura-se o “empoderamento”, o “cobrir-se de poder”. Supostamente, há também aqueles a quem o poder legítimo foi retirado e que tentam resgatá-lo, às vezes, com violência. A cor púrpura – vermelha – da roupa, antigamente, correspondia aos que tinham poder sobre o sangue; podiam manter a vida ou tirá-la. Às vezes desejamos o poder, sabemos-nos capazes de liderança e com algo mais que os outros e as outras. Queremos que nos elejam para os cargos e quando não somos eleitos vivemos uma pequena ou uma grande decepção, e, às vezes, entramos em uma autêntica crise. O poder tem algo de divino e nós gostamos de chamar a Deus de “todo-poderoso”. A respeito do novo presidente francês, Sarkozy, um de seus entrevistadores dizia que tinha somente uma religião: seu próprio poder.

Continuemos a fazer um pouco de fenomenologia. Há os que buscam o poder e pagam um alto preço para obtê-lo. Pagam com dinheiro, vendem-se a si mesmos, renunciam às próprias convicções, prometem o que não vão dar porque não têm. Compram os votos, as vontades, a liberdade. O poder, muitas vezes, nasce de uma ambição e a alimenta. Há os que se acostumam a comandar e são incapazes de dialogar. O poder chega a ser uma realidade insaciável. Nisto se parece muito com o ter,

Nós, religiosos, temos poder, não diria que somos poderosos. Usamos o poder, às vezes bem e outras vezes nem tão bem assim.

com o sexo e com o prazer de comer ou de beber. Nossa experiência de vida nos permite seguir nossa reflexão sobre esta parte importante da nossa vida e da vida alheia, da vida privada e da vida pública.

Nós, religiosos, temos poder, não diria que somos poderosos. Usamos o poder, às vezes bem e outras vezes nem tão bem assim. Há religiosos que têm muito poder. Decidem e comandam outros religiosos e até grupos significativos. Seu poder é pessoal e, às vezes, está reforçado pelas instituições e obras que os religiosos têm. O sacerdócio dá poder, dirigir um colégio também, pressupõe-se que se tenha estudos superiores. Até mesmo a animação espiritual de pessoas e grupos dá poder. *O fio condutor desta reflexão é o convite a viver e a usar o poder de forma diferente e original, a fazer com que o poder seja transparente e bom, e que quem comanda*

seja quem tem maior capacidade de servir. Neste caso não é necessário temer o poder. É necessário temer o mau uso do mesmo: o poder dominador, desordenado, frágil, prepotente, ambicioso, violento. A autoridade pode desalentar mais que alentar, oprimir mais que libertar. Os que comandam precisam ter qualidade humana e espiritual, a qualidade do poeta, de quem cria, de quem ordena no amor e faz nascer algo sempre novo. Essa é a tarefa da autoridade na vida consagrada e um tal exercício encanta e deixa, seja quem comanda que quem obedece, nas mãos de Deus. Prevê-se que se possa exercer mal o poder, nesse sentido, pode haver negligência. Pode ser que não se tenha a atenção e a preocupação que cada religioso merece para superar dificuldades ou viver os grandes acontecimentos ou etapas de sua vida,

que não se faça nada para superar os conflitos que acontecem ou por enfrentar os religiosos que precisam ser estimulados ou levados a viver realmente.

Esta dimensão da nossa existência e da nossa história precisam amadurecer e encontrar os próprios caminhos de libertação, de purificação e redenção. Somente assim superamos o autoritarismo ou a submissão infantil. Na vida consa-

grada se vive de uma maneira original, inspirada no evangelho. Essa originalidade passa pela obediência até a morte e pelo comando em prol da vida. Trata-se de converter o poder em um dinamismo que cria comunhão, que comanda através da graça de Deus e junto com os demais. A obediência nos faz entrar no plano de Deus e nos faz ser fiéis à nossa própria vocação pessoal e comunitária.

A obediência nos faz entrar no plano de Deus e nos faz ser fiéis à nossa própria vocação pessoal e comunitária.

I. Algo novo está nascendo

Podemos afirmar muito bem que é possível um exercício do poder de outro modo. Creio que a vida consagrada é um dos grupos da sociedade e da Igreja que mais tem trabalhado, no presente momento, para achar uma coordenação e um governo que gere e exerça a autoridade respondendo às grandes sensibilidades do homem e da mulher dos nossos dias e à experiência de humanidade que acumulou com o decorrer dos séculos. O comandar e o obedecer se converteram assim, em muitos casos, em uma experiência pastoral e em um acontecimento de graça. Desse modo, morre ou agoniza o autoritarismo que podia exigir a obediência cega. E surge na vida consagrada um medo sadio do egoísmo, do individualismo, da prepotência. Ex-

perimenta-se a necessidade de se sair de si mesmo e de ajudar e ajudar-se a entrar no plano de Deus e no da comunidade. Toma-se consciência de uma vida nova e de que o velho não está dando certo. Logo, morrem as caricaturas de superiores/as rígidos que se eternizavam no poder e nem sempre por meios corretos, e dos "inferiores" que consideravam que para eles o mais fácil e simples era

obedecer cegamente e submeter-se para agradar a quem comandava.

A cultura atual traz algumas exigências especiais para o modo de exercer o poder no séc. XXI. É o tempo em que quem tem poder e comanda não pode esquecer a liberdade de consciência, a necessidade de consultar a quem se comanda, de comandar algo concreto porém bem situado em uma missão ou um grande projeto.

Está nascendo um modo mais humano e evangélico de eleger ou nomear as autoridades. Quem decide ou ajuda a decidir o faz sabendo mais sobre as pessoas que elegem ou nomeiam, sobre as motivações que existem para se colocar alguém à frente dos grupos. Para isso, se parte elaborando uma teologia que sustente estes processos. São quatro as palavras-chaves que estão em jogo no processo de eleição ou de nomeação na vida consagrada: *discernir, eleger, governar e servir*. Cada uma delas é parte de um processo que, juntas, formam unidade e sentido. *Faz-se um discernimento para se eleger, elege-se para governar e governa-se para servir*. Para exercer bem a autoridade é necessário entrar neste processo e segui-lo.

A eleição ou nomeação das autoridades, para ser bem feita, começa com o *discernir* num processo de discernimento. Por meio desse processo todos que participam de um processo de

eleição tomam consciência de que estão recebendo um chamado do Espírito e, portanto, o processo tem que ser um exercício de fé e de caridade. Por isso esse ato e esse processo e o posterior exercício da autoridade devem estar marcados pelas características próprias do discernimento. Quando se elege, discerne-se e é discernindo que se elege bem e se governa melhor. Por tudo isso devemos dizer que somente se decide e se exerce a autoridade bem em um ambiente de oração, de misericórdia, com espírito reconciliado.

O resultado do discernimento aponta para eleger ou nomear para modelar a vida, pessoal ou grupal, de acordo com o querer de Deus (Ef 5,15); é um exercício de fé. Para se eleger bem é necessário estar em paz e reconciliado com o Senhor, com quem se elege e com quem o elegeu. Deve-se querer o bem do outro ao se eleger alguém ou ao se deixar de elegê-lo, ao pedir um serviço a alguém ou ao se deixar de se pedir. Ninguém se dá o poder a si mesmo. Logo, recebe-o dos outros e deve prestar contas dele.

Quem é eleito, foi eleito para governar. O eleito não foi eleito para ser formador, escritor ou professor de uma universidade. Foi eleito para governar e governar como alguém que foi eleito para isso. Quem elegeu sabe que deverá dar razão da sua eleição e de como levar a cabo o exercício de sua autoridade. Há alguns religiosos que sofrem porque não são eleitos para postos de governo. Pensam que sua imagem pessoal de bom religioso sofra quando não são chamados para responsabilidades de condução da Congregação. Este fato é visto como uma

certa rejeição de sua pessoa ou como um fracasso no modo como exerceu suas atividades anteriores. Sem dúvida, esquecem-se que governar não é tarefa de todos nem está reservada necessariamente aos melhores religiosos. É para aqueles que têm capacidades para isso.

Há três elementos que ajudam a identificar estas capacidades: a capacidade para motivar a viver o carisma do Instituto, a disposição para oferecer uma ampla visão para ajudar a olhar para diante e a capacidade para imprimir uma direção que ajude a tomar determinado rumo. É preciso apresentar visão (perspectivas) e missão. Desta qualidade são as pessoas que se procura para os pos-

tos de governo hoje na vida consagrada. Nessas mãos o poder é colocado.

Quem é eleito para comandar sabe que *lhe toca servir*. Ser chamado a participar ativamente no governo de uma congregação é ser chamado a servir. A comunidade pede que se deixe outros ministérios, como vemos na primeira Igreja, para que se dedique ao ministério de governá-la. Este chamado da comunidade se orienta a assumir um novo serviço. Este serviço interno também é um ministério. Mais ainda, é um ministério que torna possível muitos outros. Neste novo ministério o mais importante é o serviço e a ênfase que se coloca em estar e trabalhar para os outros, para as suas necessidades e para a sua missão. *Governa-se servindo e elege-se para governar pessoas que saibam lavar os pés de seus irmãos* e juntar as mãos, as mentes e os corações dos religiosos. Durante a ceia... levantou-se da mesa..., pô-se a lavar os pés dos discípulos e a secá-los

Quem é eleito, foi eleito para governar. O eleito não foi eleito para ser formador, escritor ou professor de uma universidade. Foi eleito para governar e governar como alguém que foi eleito para isso.

com a toalha com que estava cingido (Jo 13,1-5). O responsável segue os passos do Filho do homem, que não veio para ser servido mas para servir (Mt 20, 28).

A vida consagrada, pelo menos nos melhores períodos de sua longa história, caracterizou-se por este lavar os pés, isto é, por oferecer este serviço especialmente aos mais pobres e necessitados dentre seus integrantes (*Vita consecrata*, 77). Fui nomeado provincial quando tinha apenas 35 anos. Ofereci resistência para deixar as tarefas pastorais nas quais estava muito engajado. Assim me expressei ao Geral. Sua resposta foi breve: o que lhe proponho é a melhor tarefa, o melhor apostolado: o serviço, em primeiro lugar, aos maristas que integram a Província e especialmente aos que mais precisam. Com o correr do ano, dei-me conta de que era verdade. Para o responsável dos religiosos o exercício de animação se converte em seu apostolado primeiro e principal. Com o passar dos anos e o serviço da autoridade, convenci-me que é um apostolado multiplicador e delicado, exige muito tempo e uma ação pessoal realizada em profundidade. Na relação com os religiosos a relação deve ser feita de clareza e de bondade. Supõe uma disponibilidade que não tem medida. Em uma palavra, *na vida consagrada vale quem serve*. O superior é o servidor e desta condição advém a sua autoridade moral.

Em uma palavra, na vida consagrada vale quem serve. O superior é o servidor e desta condição advém a sua autoridade moral.

II. Dúvidas e perguntas

Quando alguém se aproxima deste novo modo de gerar a autoridade e de exercê-la não

faltam as perguntas pelos "por quês" e os "como". São perguntas, porém, com respostas e dúvidas com propostas. Para se viver de modo novo o poder é necessário aprofundar esta experiência à luz da contribuição das ciências humanas. É preciso iluminá-la de um modo especial à luz de uma saudável teologia da vida consagrada. Isso acontece quando nos toca votar em uma eleição ou dar uma opinião em uma consulta ou decidir em uma nomeação, quando, como cidadãos, temos também que votar para eleger as autoridades do país. Às vezes nos toca ser candidatos e em algumas ocasiões ser eleitos. Toca a nós receber, na vida consagrada, os jovens que fazem voto de obediência de maneira solene. Verdadeiramente, porém, acredita-se que na vida consagrada haja autoridade, que se deva obedecer, que é preciso comandar, que se peça submissão? Aceita-se que é bom, que é necessário se submeter? Como saber a vontade de Deus para as pessoas e para os grupos? Como identificar os sinais dos tempos?

A obediência pode ter conotações de servilismo e passividade, o comando pode ser baseado na força e no poder. A obediência pretende ser uma virtude que tome possível e facilite uma adequada distribuição de poder em uma organização hierarquicamente estruturada. Na prática, freqüentemente se tem a impressão de que a pessoa que se oferece para viver em obediência deve renunciar a suas próprias decisões e submeter-se completamente à vontade de outra pessoa. No seu significado mais profundo a obediência deveria se chamar o voto para o companheirismo, convidando o religioso a se comprometer em tudo que tenha relação com o poder, a dar nome à

opressão e ao pecado do poder, a confrontar e a desautorizar as estruturas e sistemas pecaminosos, a fortalecer aos que carecem de poder, inculcando-lhes os valores que favorecem a partilha e um estilo de vida participativo em tudo o que se refere ao poder e à forma de decisões. A razão de ser deste tipo de processo se centra na convicção de que todos somos co-responsáveis. Compartilhamos o poder de ser co-criadores com Deus no mundo.

Quando se abre o evangelho se aprende a exercer o poder evangelicamente. Nele se encontram orientações para redimir esta dimensão da nossa pessoa e vivê-la pascalmente.

III. Um momento criativo

Não pode faltar o momento exegético-hermenêutico na reflexão sobre o poder na vida consagrada. Com ele se entra na interpretação criativa da experiência, fazendo uso da imaginação e da palavra de Deus. Assim se evita a mera repetição e se pode dar os frutos da imaginação e da fé, da esperança e do amor.

Supõe-se que hajam pessoas que têm muito poder. Outros formam parte dos sem poder. Para continuar dizendo uma palavra a mais sobre esta parte de nosso dinamismo vital, podemos afirmar que há pessoas que são líderes natos. Há o que alguns chamam de uma certa "imponência" normal e uma compaixão espontânea. Estes são procurados para comandar. Eles querem e podem fazê-lo. É parte de seu carisma e vocação pessoal. Há, ao contrário, os que sofrem quando têm que comandar. Evitam ter que ocupar cargos, responsabilidades e postos que supõem responsabilidades.

Quando se abre o evangelho se aprende a exercer o poder evangelicamente. Nele se encontram orientações para redimir esta dimen-

são da nossa pessoa e vivê-la pascalmente. Esta foi a fonte de inspiração da tradição da vida consagrada para formar homens e mulheres que saibam comandar e obedecer de um modo novo. Esta tradição nos fala de um processo que parte de uma libertação do que nos oprime e chega à comunhão pascal. O responsável de uma comunidade tem a capacidade de liberar o lado pascal.

■ Quem exerce o poder na vida consagrada deve se libertar "da" prepotência, da opressão:

Do muito poder ou do poder mal usado nós temos que nos libertar. Pode ser algo que nos oprime. O que importa é saber dizer não quando, em algumas ocasiões, são nos pedidas determinadas responsabilidades! Sobretudo se esse "não" nasce de um não querer profundo ou de um "não poder". O exercício do poder pede renúncias e pede opções: sobretudo a opção pela humildade. Quem se livra da ação negativa da força do poder se torna humilde. A humildade gera o serviço em todos os níveis, inclusive no da autoridade. Ao contrário, o orgulho nos leva à busca do poder e ao domínio dos outros (Lc 14,11). A humildade extirpa as tendências à auto-suficiência idolátrica. Não há dúvida de que comanda bem quem bem obedece.

■ Quem exerce o poder o leva a cabo para criar comunhão:

Quando quem comanda é como quem serve (Lc 22, 26) se entra no mundo do simples e do humilde. Então pode convocar, unir, reunir e superar os conflitos e as dificuldades. É bem aceito. A máxima autoridade, a tem quem aprende a servir e quem mais serve, manifesta-se no máximo serviço como instrumento de comunhão.

O texto de Lucas orienta o exercício do poder, da liderança da vida consagrada. O serviço é feito por meio da animação, da coordenação, da administração, da atenção personalizada, através dessas tarefas o líder religioso reúne os integrantes da comunidade para enviá-los em missão e para que esta seja comunitária.

■ Quem exerce o poder o faz "com" os outros e com eles compartilha a responsabilidade:

O bom líder planeja, avalia, executa, organiza com os outros. Evita, a todo custo, o individualismo no seu proceder. Atua solidariamente. Acredita nas mesas redondas e não tanto nas pirâmides. Propõe como meta o poder solidário do qual espera uma fecundidade especial. Recebe conselhos de quem é comandado, consulta. Preside o discernimento comunitário, respeita as minorias. Incorpora à decisão todos os que nela estão implicados.

■ Quem exerce o poder na vida consagrada o faz "por" graça de Deus:

As tentações e as quedas não estão restritas somente ao campo da castidade. Também acompanham o exercício do poder. A tentação do poder é grande. Jesus a teve. Não se pode ignorar a necessidade da graça para envolver de luz e de audácia o exercício do poder. Somente pela graça de Deus se exerce o poder com liberdade, generosidade e criatividade. A graça é necessária para o exercício do poder como serviço. O serviço redimido do poder é uma graça que se deve pedir muito. Somente pela ação do Senhor somos capazes de comandar de forma que se crie comunhão entre as pessoas a quem se apresenta uma ordem, entre as que se anima e se acompanha.

O acerto em relação ao poder está em se usá-lo não para dominar mas para o bem dos outros e movidos pela força do amor. Quando isso acontece, esse poder é um poder redimido ou, como se queira, vivido evangelicamente

(Mt 20,25-27; Mc 10,42-44; Lc 22,24-27). Quem governa bem não espera o reconhecimento nem o próprio benefício, nem a honra nem o prêmio. Não se serve a si mesmo. Serve aos outros.

IV. Assim se chega à ação e através da ação à mudança

Assim nasce a nova proposta e se evidencia a alternativa possível neste exercício do poder. Em uma palavra, gera-se vida, às vezes pequena e humilde, cotidiana e emergente e sempre fundamental. A vida consagrada é uma instituição que ajuda a viver bem esta parte importante da nossa personalidade. Isso supõe que se ponha este dinamismo em função do Reino. Para isto os religiosos e religiosas temos vários recursos. São Bento nos deixou critérios estupendos para comandar bem e obedecer melhor. No fundo, dele nos vem a grande orientação de que não se deve comandar senão a quem se ama. "O superior saiba, pois, que deve servir mais que comandar. Que seja instruído na lei divina para que possa conhecer e usar as máximas antigas e novas. Seja sóbrio e indulgente. Anteponha sempre a misericórdia à justiça para chegar a obter os mesmos objetivos. Que odeie os vícios e ame os Irmãos" (São Bento, Regra). A Vida consagrada nos oferece:

- ⇒ a prática do conselho evangélico da obediência.
- ⇒ a vivência da realidade da comunidade.
- ⇒ uma determinada forma de governo em que as pessoas só permanecem por determinado tempo.

Com esses meios se põe em ato um governo que pede renúncia, denúncia e, por pressuposto, o anúncio do que significa professar

obediência e fidelidade ao grupo que me toca comandar e à comunidade da qual faço parte e pela qual sou responsável.

V. O cume: o momento ou etapa celebrativa

Evoca-se e se converte em celebração este modo alternativo de exercer o poder da vida da Igreja. A celebração supõe que saibamos pedir perdão quando não exercemos bem o poder, supõe que iluminemos esta vida de autoridade com a palavra de Deus, supõe um pedir graça para exercer bem esse poder. Agradecer ao Pai quando exercemos essa autoridade como uma graça que contagia pelo seu querer. Enfim, quando louvamos o Pai porque sua vontade nos permite viver sua história de salvação para o bem dos outros e também para o nosso bem. Com uma celebração se professa obediência, se assume a responsabilidade de governar a comunidade, com a invocação especial do Espírito se iniciam e terminam os processos de discernimento que nos permitem eleger bem quem vai governar a comunidade. Essa graça vem de Deus, para que o Reino se realize. Por isso é necessário louvar, agradecer, invocar o Senhor e comprometer-se com essa vida. Na

eucaristia se celebra o mistério de alguém que aprendeu a comandar obedecendo e a obedecer servindo.

O que foi dito é um sonho que, às vezes, está muito longe da realidade também na vida consagrada. Parece muito bonito para ser real. Sem dúvida, é bonito, é exigente e é possível. As eleições ou as nomeações nem sempre são bem feitas. Também os religiosos respiram, às vezes, o ar contaminado da ânsia do poder. Como toda pessoa humana, têm o instinto de dominar, de comandar em níveis diferentes. Com a graça de Deus, o religioso/a a quem toca comandar, pode fazê-lo servindo e conseguir assim que os grupos e as pessoas entrem para os caminhos de Deus.

Este texto é dedicado a uma jovem provincial. Compartilhando com ela pude reconhecer bons desejos e intenções. E algo mais. A promessa de exercer o poder com encantamento dando ampla visão e missão a suas irmãs.

Tradução: Aurea Marin Burocchi

José Maria Arnaiz, SM. Vice-Diretor da
Revista Testimonio.

Endereço do autor:
Dieciocho 136
Casilla 9501
Santiago - Chile

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

- 1 - Que vícios existentes no uso do poder na sociedade e na Igreja atual estão presentes também na vida consagrada?
- 2 - Como eu uso o poder que tenho e que recebi, como vivo a experiência de ser comandado e como reajo diante do poder dos outros?
- 3 - Qual é a originalidade no modo de gerar a autoridade e de exercer o poder na vida consagrada em relação a outras formas de vida?

O amadurecimento humano, a Vida Religiosa e a Espiritualidade

JOSÉ DEL-FRARO FILHO

Vida Religiosa é chamado de Deus. Dom. Porém, alguém ajudou a cultivar a fé nessa pessoa, através de sua história e ambiente vividos.

As motivações conscientes e inconscientes se misturam. Psicológico e Espiritual são dimensões diferentes porém, interconectadas. O psicológico fala da constituição da psique mediada pelos cuidados e relações com os outros significativos e suas influências na constituição do psicossoma, nas relações inter pessoais e vida social.

O espiritual é mais abrangente e faz perceber o Amor de Deus plasmando todas as dimensões da história. A graça de Deus atua em todas as vidas, o Verbo se fez carne para agradecer a pessoa humana em sua busca pela pessoa de Cristo, revelação do rosto materno e paterno de Deus.

A dimensão espiritual re-vela o primeiro e último e sempre maior Desejo: a sede de Deus. As vidas, caso resumidas, seriam movimentos de luzes e sombras, porém sempre na sofreguidão e no êxtase de encontrar e saborear o amor de Deus em definitivo. Revela-se, em todas as pessoas, o desejo de infinito. Todos os outros desejos são desdobramentos ou ramos desse tronco-raiz principal. Os desejos ou ações de ordem destrutiva são conseqüências não apenas da liberdade humana, mas das limitações que cada pessoa apresenta, limitações mergulhadas no contexto macro (social) em que ela não escapa completamente, se identificando em maior ou menor grau com seus valores. Englobam-se os enquadres familiar e a história pes-

soal (mesmo antes de sua concepção: se foi desejada, planejada, como foi a gravidez, os cuidados recebidos ou não de sua mãe, pai e pessoas significativas).

Ser religioso cristão sempre foi um desafio sublime. Seguir Jesus, lidar com todas as vicissitudes mencionadas acima, discernir seu carisma, depurar a vocação, lidar com as luzes e sombras institucionais, seus pontos fortes e fracos... O ambiente religioso pode ser fortalecedor ou desintegrador das vocações ou do estado psíquico dos candidatos e de qualquer religioso (a).

Além disso, ele (a) terá que se deparar com os vários discursos religiosos, com as várias teologias, com os diferentes formadores e etapas formativas, desde a pastoral vocacional, e lidar com eles. Há os desafios dos estudos, da convivência comunitária e dos votos, além de conviver se fazendo sal e luz de um mundo secularizado, de onde veio e para sempre estará conectado, como membro e com a missão de contribuinte na construção do Reino.

São muitos os desafios...

O artigo aborda especificamente, o processo de amadurecimento do ser humano e suas inter-relações com a vida religiosa. O referencial teórico é a teoria psicanalítica do amadurecimento humano formulada por D. W. Winnicott, pois ela nos oferece uma possibilidade de perceber como se constitui a integração da pessoa humana e como ela se deve a uma intrincada relação com o ambiente no qual está mergulhada.

Winnicott – pediatra inglês que abraçou a psicanálise – fez uma observação acurada do comportamento psicológico do ponto de vista do bebê, desde os primeiros dias de vida, fato esse que ampliou as descobertas efetuadas por outros psicanalistas como Freud, Melanie Klein, Bion, Lacan e outros.

A base para a saúde psíquica é assentada, principalmente, nos primeiros meses de vida. Os distúrbios psiquiátricos e ou psicológicos mais graves têm suas principais raízes nas etapas iniciais do desenvolvimento. Nesse artigo, apenas algumas considerações serão feitas a respeito da Teoria do Amadurecimento Humano.

Há em todo bebê uma tendência inata ao amadurecimento. O eu é praticamente inexistente e seus instintos – winnicott não trabalha com o conceito de pulsões – e necessidades iniciais ainda não se integraram pelo simples fato de não haver um eu básico constituído.

A constituição desse eu será gradual e, a princípio, pela **dependência absoluta** dos cuidados maternos. Nesse período, não podemos falar sequer de relação mãe-bebê, visto que do ponto de vista do bebê não existem dois, mas o “**dois-em-um**”, ausência de demarcação do externo-interno ou noção de fora e dentro ou separação sujeito e objeto. O bebê não apresenta consciência de si ou do ambiente e depende dos cuidados básicos de sua mãe ou substituta para sobreviver e construir sua noção de eu e de outro. A mãe, durante os meses de gravidez, passa por modificações em seu corpo e psiquismo. Associado às marcas de cuidados recebidos na época em que ela era

bebê, com o nascimento de seu filho (a), geralmente entra em um estado de “devotamento ou preocupação materna primária.” Nesse estágio ocorre um dos fenômenos mais impressionantes e belos da existência humana. A mãe realiza no paradoxo do esforço e da espontaneidade, no paradoxo da dor e do prazer, um

esquecimento, um despojamento não alienante de si mesma, para uma quase total identificação às necessidades do seu bebê. O mesmo, visto sua fraqueza egóica e suas defesas primitivas frente ao desamparo e à angústia de aniquilamento, necessita que a devoção materna vá ao encontro de seus “gestos espontâneos”.

A mãe – mais do que um fazer ou um saber – intuiti-

sente e assim atende às demandas, não a partir de si (mãe operacional ou invasora), mas a partir das necessidades de seu bebê. Esse amor facilita o amadurecimento do eu incipiente e favorece a possibilidade de ser do bebê, a partir dessas vivências iniciais. A criatividade, a espontaneidade, o prazer em estar vivo (a) e de ter uma psique instalada em um corpo, a noção de tempo e de espaço e o início da demarcação essencial entre o eu e o não eu, são processos gradativos de amadurecimento, obtidos pela continuidade, facilitação e previsibilidade de um bom ambiente oferecido por ela: a cuidadora. A boa provisão de cuidados maternos permite ao bebê não se submeter ou reagir aos movimentos da mãe. Ele vai realizar inúmeras vezes “gestos espontâneos”, que coincidirão com os cuidados maternos e nesse interjogo ocorrerá a ilusão de onipotência. A partir disso, tendo como base essa ilusão

A base para a saúde psíquica é assentada, principalmente, nos primeiros meses de vida.

Os distúrbios psiquiátricos e ou psicológicos mais graves têm suas principais raízes nas etapas iniciais do desenvolvimento.

constitutiva, o bebê necessita que a mãe comece a se desadaptar, o que coincide com a necessidade da mãe em se libertar de “preocupação primária”.

Inicia-se o período de **dependência relativa** em que um longo e delicado processo de diferenciação em relação à mãe gradualmente se estabelece. Se tudo correr bem, o bebê alcança o estágio da transicionalidade, em que o bebê permite que elementos não-eu entrem em sua área de onipotência. Essa é a ponte entre o subjetivo e o objetivamente compartilhado, não estando nem dentro nem fora, símbolo de união e separação da mãe. No estágio do uso do objeto o bebê usa o objeto-mãe de forma incompadecida. Ele precisa destruir o objeto subjetivo para colocá-lo fora de seu controle onipotente e conceder-lhe vida própria e externalidade. É essencial que a mãe sobreviva a essa “destruição” e não retalie, permanecendo previsível. Somente dessa forma, o bebê pode dar curso à sua

destrutividade (isenta de sadismo) e estar livre para destruir continuamente o objeto subjetivo em sua fantasia inconsciente (começa a distinção entre fato e fantasia). A partir desse ponto, o objeto pode ser usado e amado, pois é real, tem vida própria, alcança o estatuto de externalidade. De sua parte, o bebê, se pudesse falar, já pode dizer EU SOU, uma vez que seu mundo interno começou a se constituir. Esse estágio do EU SOU consiste na conquista de uma integração numa unidade em que alguma identidade pessoal se delineia. Essas fases iniciais são o alicerce para a capacidade de crer e confiar nas relações humanas e configuram a

possibilidade de transitar entre uma realidade que envolve tanto aspectos subjetivos singulares, quanto a realidade objetivamente compartilhada, ou seja, o habitar na terceira área de experiência, no brincar e simbolizar da criança, que tem como correspondente na vida adulta, a experiência cultural, incluindo as artes e a religião.

No estágio do concernimento, o bebê começa a ser dar conta de que a mãe que ele ataca vorazmente nos estados excitados (mãe-objeto) é a mesma que dele cuida nos estados tranqüilos (mãe-ambiente). Desse processo re-

sulta duas das mais belas e importantes capacidades da pessoa humana: **a capacidade de dar algo de bom (amor)** a quem dele cuida com amor e sobrevive aos seus impulsos (mãe) e **o senso de moralidade** que não é ensinado ao bebê, mas vivido por ele através de um verdadeiro sentimento “benigno” de culpa, que o conduz à reparação. Para Winnicott, quando a criança faz um ato de

Para Winnicott, quando a criança faz um ato de reparação “está construindo uma força pessoal que possibilita a tolerância da destrutividade pertencente à sua natureza”.

reparação “está construindo uma força pessoal que possibilita a tolerância da destrutividade pertencente à sua natureza”. O bebê se torna uma pessoa inteira a relacionar com outra pessoa inteira: sua mãe. Somente nessa fase, podemos falar de inconsciente recalçado. Se a mãe não sustenta a reparação, ele não será capaz de responsabilizar-se por seus impulsos destrutivos e sua capacidade para o amor verdadeiro estará dificultada e ameaçada por depressão.

Se para Freud a moralidade é uma herança do Complexo de Édipo, vinda de um super ego bem instalado, para Winnicott a importante aqui-

sição se alicerça na relação dual com a mãe. Antes de qualquer pessoa amar com maturidade, essa foi amada por sua mãe, assim como antes de amarmos Deus, já somos amados por ele.

A mãe é o primeiro e fundamental instrumento de Deus para a capacidade de amar da criança. A primeira experiência do amor de Deus é feita através do amor materno. Se para nós cristãos, o núcleo do verdadeiro si-mesmo é a incorruptível e inexorável presença de Deus em nós a conferir uma dignidade inviolável a toda pessoa, a psicanálise Winnicotiana nos ensina que o verdadeiro si-mesmo psicológico, psicossomático somente se constitui a partir dos cuidados e devoção materna. Obviamente, haverá um enriquecimento e amadurecimento desse amor com a entrada do pai como pessoa inteira. Assim como a tríade Pai, Filho e Espírito Santo pulsam no mais íntimo de nossa intimidade e está (ou deveria estar) à flor da pele em cada pessoa humana, o amor maduro, em psicanálise, somente se torna possível em estruturas triádicas, como criança, mãe e pai ou substitutos, bem constituídas.

Os religiosos (as) e todos nós buscamos fazer experiências de Deus através do amor, do cuidado humano. A Fé no Amor (Deus) tem raízes nessa experiência do bebê com sua mãe.

Um dos cuidados maternos posteriores será o de facilitar a entrada do pai transformando a relação dual em relação triangular. A cuidadora permite à criança novos re-espelhamentos e enriquecimento de identificações e desejos e reforços de molduras em relação à destrutividade, que coincidem com a **triangulação edípica**. E da elaborada triangulação, o **fortalecimento do pacto ético com o social**.

Porém, somente após ter ressignificado sua infância na **adolescência** e elaborado essa fase, a pessoa poderá apresentar sua carteira de identidade de adulta, **cidadã do mundo a reconstruí-lo e transformá-lo**. Porém, sempre continuará sendo transformada pelo ambiente. Sua independência em relação ao mesmo será sempre relativa e o grau de integração nunca completo.

Os religiosos (as) e todos nós buscamos fazer experiências de Deus através do amor, do cuidado humano.

Vida Religiosa e a pessoa do religioso

Como qualquer pessoa, o religioso (a) poderá apresentar dificuldades psicológicas em todas ou em algumas etapas do amadurecimento psicológico.

- A) Início: "Dois em um", Transicionalidade, Uso do Objeto, "Eu Sou": casos de psicoses derivados de **deficiências** de cuidados ambientais.
- B) Relação dual: bebê-mãe. Fase do concernimento. Depressões
- C) Relação triangular - criança - mãe - pai ou fase edípica. Neuroses.
- D) Adolescência
- E) Vida adulta: em qualquer momento, dependendo dos acontecimentos e do ambiente ocorrerá maior ou menor integração.

Qualquer dificuldade em uma ou mais dessas etapas poderá dificultar ou impedir a realização ou até mesmo a permanência da pessoa na vida religiosa.

A própria vida religiosa pode funcionar como facilitadora ou dificultadora do processo de amadurecimento ou integração da pessoa.

Alguns exemplos clínicos das etapas do amadurecimento (alguns dados foram distorcidos a fim de preservar a intimidade das pessoas)

A) Religioso, de 26 anos, busca análise devido à insatisfação com seu formador. Não se sente amado ou respeitado por ele. A vida religiosa passou a ser um conjunto de deveres pequenos e o cotidiano monótono e mesquinho. A relação com o formador não inspira confiança para trocas.

O paciente consegue dar detalhes factuais das invasões e do controle que vinha sendo submetido. A invasão da privacidade, "o querer saber tudo", a falta de sintonia do formador com suas demandas afetivas, e conseqüentemente a **submissão** e o conflito: continuar acreditando ou não na possibilidade da ordenação sacerdotal.

Infelizmente, há alguns casos onde a preocupação com o ser humano nas casas de formação é insuficiente. O fazer, o "obedecer" as normas, o legalismo, o autoritarismo, o verticalismo e uma espiritualidade desencarnada prevalecem no cotidiano. Assim, se repete a experiência traumática do início da vida de alguns religiosos (as). Há uma repetição da experiência do bebê com uma mãe pouco empática e pouco identificada às necessidades afetivas do bebê.

As conseqüências são graves. O ambiente mais uma vez não facilita a constituição do eu básico e o amadurecimento pessoal. A pessoa

simplesmente reage ao ambiente (submetendo-se artificialmente ou agredindo reativamente). Não há espontaneidade, criatividade, mas sentimentos como vazio, angústia, solidão e frustração com a Vida Religiosa. Não há voto de obediência, há reação e submissão e não realização como pessoa humana e religiosa.

Pessoas que foram submetidas a essas agressões costumam **repetir** com os novatos suas próprias vivências. Não é uma questão, na maioria das vezes, de maldade, mas de falhas na constituição do eu e de seus modelos de espiritualidade, onde o dogma e a doutrina não se articulam às problemáticas psicológicas dos pretendentes aos desafios do mundo de hoje.

Porém, após meses de psicoterapia, novos desdobramentos vieram à tona. "Falta-me um rosto, uma identidade. Sinto-me apagado e vazio. As pessoas não conseguem me ver ou eu não consigo ver as pessoas. Algo confuso. Às

vezes me sinto inexistente, apesar de estar sempre "alegre" para os outros. Quero dar, receber amor, mas às vezes é tão difícil! Penso muito no que vou falar. Quem sou eu de verdade? Posso até ser ordenado padre, mas preciso viver, em primeiro lugar! Ser ordenado padre pode me

ajudar a desenhar esse rosto, mas sinto que isso seria apenas um traço importante de mim, porém falta o pano de fundo no qual posso olhar e me reconhecer."

Se observarmos através do paradigma da Psicanálise Winnicottiana, esse paciente não apresenta problemas de ordem neurótica, onde há excesso de repressão sexual ou da agressividade. Em momento algum, foram

Infelizmente, há alguns casos onde a preocupação com o ser humano nas casas de formação é insuficiente.

colocadas questões dessa ordem... Não há conflitos, ou seja: choque entre desejo e censura ou entre forças do id com seu superego... A problemática é mais primitiva e gira em torno do não acontecido, um não vivido, uma lacuna, uma falha nos cuidados maternos iniciais... O espelho-mãe, o ambiente na fase de dependência absoluta não funcionou suficientemente bem. A mãe desse paciente não se devotou o suficiente ao bebê para acolher seus gestos espontâneos e o invadiu, exercendo os cuidados a partir de si mesma. O cuidar não foi tranquilo e não possibilitou que o **bebê participasse ativamente da construção de seu eu** e assim se sentisse vivo, construindo uma identidade pessoal.

Esse paciente, por muitos meses, não conseguiu olhar para o meu rosto, nem mesmo quando iniciava ou terminava as sessões. Ele teve que formar um falso-eu (não tem nada a ver com falsidade) um "falso si-mesmo" para sobreviver às invasões e à falta de sintonia materna. Ele apenas se submeteu a ela e para sobreviver teve que, em parte, se auto gerir, se auto nutrir desenvolvendo o intelecto para tal. Porém, sua vida psíquica se tornou artificial, vazia e a confiança no ambiente diminuta. A submissão passou a ser marca forte em sua vida. Muitas vezes o bem comportado, o modelo exemplar costuma ser um submisso.

A procura pela vida religiosa do paciente em questão me parece autêntica, na medida em que ele se identifica com os valores e o estilo de vida proposto.

Muitos religiosos ou leigos apresentam deficiências primitivas nessa fase do amadurecimento, onde as questões ligadas à sobrevivência psíquica são mais

importantes que os conflitos sexuais genitais ou os concernentes às relações inter pessoais, que só podem surgir caso haja um ego mais integrado para mediá-los.

A busca pela Vida Religiosa pode ter esse componente psicológico inconsciente. Encontrar um bom espelho – uma nova tentativa de poder "acontecer-se", via membros da instituição, as "mães" religiosas (formadoras (es), superiores (es), fundadoras (es) de congregações).

Buscava-se, nesse caso específico, de forma legítima e ética, um ambiente-mãe bom, acolhedor, não invasivo, paciente, atento às suas necessidades afetivas. O lado feminino do formador (a) deve estar e ser aguçado e integrado.

Com isso não afirmo que é

necessário uma maternagem caricatural ao formando com essas características psicológicas. Ele ou ela precisa se sentir, mais do que outras pessoas, acolhido e ser respeitado no seu ritmo, para que seus movimentos espontâneos possam ir surgindo gradativamente e a confiança no ambiente estabelecida.

É preciso, posteriormente, que o formador (a) sobreviva a alguns ataques, que podem vir ao longo da convivência e não retaliar a pessoa usando da mesma moeda... A criança que nunca deu trabalho ao adulto pode estar bastante adoecida... O formador inconsciente dessa situação pode reforçar a submissão e os votos de obediência não serem vivenciados, em seu sentido específico. A rebeldia exagerada de um formando pode ser fruto dessa situação, vivida às avessas. A rebeldia pode, em certos casos, ser apenas uma reação de um eu pouco integrado e mal constituído às custas de invasões traumáticas.

O lado feminino do formador (a) deve estar e ser aguçado e integrado.

O desejo de ser cuidado, confiar, ser aceito em suas dificuldades e ser escutado no seu ritmo é tão intenso, quanto o desejo de servir e amar.

B) O paciente depressivo (falhas importantes na relação dual: bebê-mãe)

Nesses casos, o paciente geralmente teve um bom início, os cuidados maternos foram suficientes para a constituição egóica se firmar. Porém essa mãe "não sobreviveu" à ambivalência de sentimentos de amor e ódio existentes em todas as crianças. Ela retaliou ou saiu de cena por períodos mais longos do que a criança suportava. Houve, como mecanismo de defesa, um excesso de recalque (repressão) da agressividade. As fantasias de destruir essa mãe e a culpa inconsciente acarretada assolam a pessoa.

Ódio e culpa inconscientes ameaçam destruir a pessoa amada e com isso destruir a si próprio. Não são raros os casos onde os religiosos entram em depressão, após anos de insatisfação com alguns aspectos da sagrada "mãe igreja" ou com alguns de seus membros. A mãe-igreja é uma substituta e reforça a ambivalência com a mãe original. Com isso, não pretendo reduzir a complexidade dos quadros depressivos a essa motivação inconsciente. Existem outros fatores psicológicos envolvidos, como a grande exigência dos **ideais** do eu que maltratam o paciente deprimido, além de fatores genéticos e outros que fazem parte da gênese desses distúrbios.

A importância de um bom ambiente na vida comunitária é fundamental. Uma religiosa relata, ao tentar elaborar sua depressão: como é "fácil" amar a Deus e difícil amar as minhas

irmãs religiosas. Nada de material jamais me faltou. Durante bom tempo vivi a ficção de uma vida comunitária. Poucas trocas verdadeiras. A convivência superficial. É difícil alguém realmente se entregar e se deixar ser conhecida em sua intimidade. A intimidade gera medo de ser traída, machucada, criticada, como fui em minha infância e na vida comunitária. Foi aparentemente mais fácil rezar, estudar e trabalhar continuamente, mas onde estão meus vínculos, meu ninho humano? Caso tivesse encontrado na vida comunitária uma família, talvez não estivesse em depressão. Para sermos religiosas realizadas, necessitamos resolver nossas dificuldades afetivas". O medo de intimidade não deveria vencer o desejo de amar e ser amada. As depressões e os sintomas, em geral, são comunicações por socorro. As perdas e a solidão precipitam quadros depressivos. Sentir-se abandonado(a) na presença de tantas pessoas é uma realidade penosa e paradoxal.

C) Paciente triangulado no Édipo, neurótico comum, que procura análise por não se sentir bem em suas relações interpessoais com pessoas do mesmo sexo.

Uma jovem religiosa não se sente bem em consultar-se com profissionais do sexo feminino. Há uma forte rivalidade com algumas mulheres e sente "uma facilidade maior em fazer amizades e se abrir com os homens..." Sente medo dos desejos sexuais, as chamadas "tentações" e uma forte angústia ao falar sobre o tema. Sente-se viva, real, não apresenta quadro depressivo e trabalha excessivamente. Quando tem o dia livre sofre de angústia, porque "comichões" a invadem e tenta esquecer as sensações

O desejo de ser cuidado, confiar, ser aceito em suas dificuldades e ser escutado no seu ritmo é tão intenso, quanto o desejo de servir e amar.

praticando exercícios físicos extenuantes... Após longo tratamento, onde pôde encarar suas fantasias sexuais, nomeá-las, além de elaborar seu conflito edípico, relata: "hoje sou uma religiosa bem melhor, porque me sinto mais mulher. **Quanto mais mulher, mais religiosa.** Agora sinto que sou e posso ser mulher, poderia ter me casado, exercido o fascínio da maternidade, porém **renúncio mais consciente e livre essas maravilhas em nome de um chamado de Deus e entrego-me à causa do Reino.** Agora, com muito mais paixão, vivo meus votos não só com minha alma, mas com meu corpo-alma-espírito integrados. Convivo bem melhor com as pessoas e consigo relaxar e contemplar a vida."

Outro exemplo importante e freqüente na Vida Religiosa, ligado à fase do Complexo de Édipo:

Os meninos ao elaborarem o Complexo de Édipo se identificam com o pai, sublimam os aspectos homossexuais ligados a esse pai e desejam ser, na vida adulta, progenitores.

É fundamental para o religioso sentir-se pai de alguma forma. Como a paternidade concreta não é compatível com a proposta da Vida Religiosa, é muito importante a construção da **paternidade simbólica.**

O religioso necessita edificar, construir relações humanas, apresentar projetos, ideais, onde possa se sentir pai (padre). O fato de não poder perpetuar-se biologicamente pode ser substituído por fecundações simbólicas, o que diminui ou elimina a lacuna da não realização da paternidade biológica. Muitos são os caminhos possíveis, como acompanhamento psicológico

e espiritual de jovens, crianças, numa convivência fecunda e amiga com eles. Outros serão "pais" de muitos alunos e de livros que auxiliarão a vida de muitas pessoas. Dirigir, coordenar, construir, gerar idéias proveitosas para a congregação são outras formas de exercer sua paternidade simbólica.

Alguns religiosos queixam-se de transferência de local ou da não continuidade de projetos, fatos que os encaminham a uma frustração com o ideal de ser pai.

Pensamos que as amizades com o sexo feminino não deveriam ser evitadas como acontece freqüentemente, pois a presença feminina é o contraponto do excesso de convivência com as pessoas do mesmo sexo. As amizades resgatam ou restauram simbolicamente os laços com a mãe e com as irmãs. Porém, discernir quais as relações que se desviarão para outros fins, nem sempre é tarefa fácil. Geralmente, é a história pessoal instável, a frustração com algum setor da Vida Religiosa, associada a alguma carência importante em relação ao sexo oposto, as determinantes dos envoltimentos concretos. Geralmente ambos saem feridos e culpabilizados.

As meninas, se houve amadurecimento saudável, elaboram o Complexo de Édipo identificadas com suas mães. Elas desejam fortemente a maternidade, como parte da feminilidade. Desejam ser o receptáculo da vida, acolher, gerar, cuidar. Como os religiosos, as religiosas necessitam da presença do sexo oposto em suas vidas, da diferença, da troca verdadeira e simétrica de suas fecundidades simbólicas.

Porém, ambos os sexos apresentam as dimensões masculinas e femininas. O homem

O religioso necessita edificar, construir relações humanas, apresentar projetos, ideais, onde possa se sentir pai (padre).

religioso necessita liberar seus sentimentos, poder expor suas "fraquezas", partilhar, se emocionar, cuidar de si e se permitir ser cuidado. E questionar profundamente o machismo, pois somos frutos de uma ideologia machista que perpassa gerações. E ela está presente no inconsciente masculino, mas também no inconsciente de muitas mulheres. Racionalmente elas lutam por direitos iguais, porém nos seus atos ou discursos percebemos brechas de um machismo arraigado em seus inconscientes: consideram-se inferiores ou são submissas aos homens.

É comum a queixa entre os religiosos (as) de sentimentos de vazio, solidão, "pois somos amigos de todos, mas não podemos nos ligar concretamente a ninguém." A reflexão desses pontos levantados pode diminuir esses sentimentos, tão penosos e desanimadores em suas caminhadas.

Outras religiosas não puderam sequer construir sua feminilidade, devido a problemas na identificação com a mãe ou por ter apresentado uma difícil e aviltante relação com o pai. Mecanismos de defesa como a racionalização e a indistinção entre cuidar de sua feminilidade e de se ver "vaidosa", não são raros. O excesso de controle na vida das outras, detalhismo, rigidez e verticalismo podem predominar em seus cotidianos. Uma espiritualidade desencarnada e que não parte do humano pode servir como âlibi de seus conflitos. Tais fatores afugentam jovens candidatas, que não se sentem acolhidas ou à vontade para a partilha verdadeira de suas vidas.

O abuso sexual

Por toda adolescência, os desejos sexuais genitais vão estar aflorados e as fantasias inconscientes e conscientes aguçadas. Há uma resignificação das vivências edípicas. Porém, é importante que o ambiente (mãe - pai - família - escola - igreja) continue auxiliando a criança ou o préadolescente a não atuar seus impulsos sexuais e destrutivos e saber se defender de possíveis abusos. Os abusos sexuais são, infelizmente, muito comuns nessas etapas. Às vezes, ocorrem no seio das próprias famílias ou com colegas de escola ou estranhos muito mais velhos. A situação de presenciar, escutar ou ver as relações sexuais dos pais ou relações em televisão, cinema ou revistas, pode ser perturbadora ou traumática. Não ocorre, na maioria das vezes, o recalçamento, a repressão da situação, mas sim uma fixação e uma dissociação no psiquismo. Aparentemente nada de forte aconteceu com a realização ou visão do ato sexual. Porém, uma carga de excitação

e de não metabolização da realidade factual pode acarretar danos futuros. Pode acontecer uma dificuldade maior de sublimação e integração da sexualidade, compulsão, medo ou desejo de repetição do acontecido. O psiquismo não estava preparado para receber essa carga e se defende usando a dissociação e não o recalque (o esquecimento). A dissociação é um mecanismo de defesa mais primitivo

É comum a queixa entre os religiosos (as) de sentimentos de vazio, solidão, "pois somos amigos de todos, mas não podemos nos ligar concretamente a ninguém."

vo e promove uma fratura no eu. Ela é uma patologia intra egoica e não conflito neurótico entre id e super ego mediado pelo ego. Muitas vezes, a pessoa abusada ou super estimulada,

apresenta consciência do acontecido, porém somente após muito tempo de tratamento consegue realmente sentir a vergonha, a culpa e as angústias persecutórias e depressivas que a dissociação a “protegia” e assim conseguir integrar seu eu.

O acima descrito é bem mais comum do que imaginamos e fonte de sofrimento. Como conversar sobre sexualidade era e é tabu nas famílias, muitas crianças e adolescentes a vivenciaram de forma secreta, traumática e carregam pesados fardos nos dias de hoje. Eles não conseguem fazer, sozinhos, as conexões das vivências atuais com a infância e a adolescência dissociadas. Para os religiosos (as) e para qualquer pessoa, a história infantil, vivenciada nesses moldes, leva a uma dificuldade bem maior de integrar suas sexualidades e como consequência seus votos.

Comentários finais

Frei Beto, comentando na TV sobre seu livro *A Mosca Azul*, fala sobre os maiores perigos e seduções que o ser humano pode sucumbir, caso não saiba usá-los bem: “1º: Poder, 2º: Poder, 3º: Poder, 4º: Dinheiro, 5º: Sexo.” Realmente: a pessoa humana, quando pouco cuidada e desintegrada utiliza esses elementos como tampões ou tentativas de se sentir viva e real. Mera ilusão... Nos dias de hoje, a questão principal da busca por ajuda psicológica não é pelo desconhecimento de seus desejos sexuais e destrutivos. Eles não estão tão reprimidos como

na era vitoriana de Freud. Ao contrário, os pacientes os conhecem parcialmente, mas não sabem como manejá-los diante de um EGO (Eu) traumatizado, frágil, dissociado. O ambiente familiar não levou em conta as necessidades afetivas da criança. Há menos repressão, menos neurose, porém mais psicopatia, pânico,

depressões, perversões e psicoses. O eu não consegue lidar com angústias primitivas e intensas, e a ameaça de aniquilamento é uma constante.

O ambiente inicial de vida e o contexto atual em que vivemos, muitas vezes, não auxiliam a contenção e elaboração dessas violentas angústias. São comuns históricos onde a dureza, a aspereza, o castigo físico, o abuso sexual, o pouco diálogo, as perdas

precoces, dizimam a espontaneidade, os valores éticos e a alegria em viver. A artificialidade, o perfeccionismo, a culpa, o laxismo ou o legalismo imperam e dificultam a própria vida espiritual.

A capacidade de amar e o pensamento crítico e original se tomam empobrecidos. O Deus de amor, misericórdia que acolhe e ajuda a sarar as feridas é sentido como primitivo, distante ou apenas racionalmente aprendido.

Os religiosos (as) precisam ser facilitadores e construtores de ambientes “suficientemente” bons para que a experiência de Deus aconteça e transforme as pessoas e o mundo. Integrar o psicossoma ajuda a integrar a fé e amadurecer a fé auxilia na integração psicossomática.

Alguns religiosos pouco conseguem cuidar e serem cuidados. Muitos cuidam muito bem porque foram bem cuidados e outros cuidam dos

Os religiosos (as) precisam ser facilitadores e construtores de ambientes “suficientemente” bons para que a experiência de Deus aconteça e transforme as pessoas e o mundo.

outros, mas às custas de um tremendo sacrifício e fé, mutilando o corpo, os órgãos, a saúde, pois não receberam ou recebem cuidados e fazem com os outros o que gostariam in(conscientemente) de também receber deles. Só o cuidado a tudo e a todos, juntamente com a misericórdia modificarão nossos mundos individual e coletivo.

Ser religioso, seguir Jesus Cristo é situar-se na contra-mão de uma ideologia, onde os valores distorcidos corroem o cuidado. Ser gente é colocar-se a serviço e cuidar... Porém fazer urgente se permitir ser cuidado... **O ambiente bom:** ecológico, inter relacional, intra-relacional é o termômetro que sinaliza se estamos cuidando e sendo cuidados verdadeiramente.

Conclusão

O ambiente das casas religiosas, o grau de amadurecimento das pessoas envolvidas são fundamentais na integração ou desintegração de seus membros. Essa dimensão psicológica guarda uma inextrincável correlação com o realizar-se como pessoa e como religioso (a). A espiritualidade e a vocação religiosa são mediadas em grande parte pelos relacionamentos

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1 - Do ponto de vista existencial, o cuidado está acima de toda atitude e situação do ser humano. Como então, em nossos institutos religiosos, integrar: psicológico e espiritual, como dimensões interconectados, que dêem visibilidade a incondicionalidade de nossa opção?
- 2 - No processo do amadurecimento humano que contribuição a VRC pode oferecer como facilitadora da integração e evolutiva de seus membros?

humanos, pelo ambiente onde estão inseridos desde o início da vida. Assim, é fundamental aos religiosos (as) um maior conhecimento e vivência desses processos constitutivos do amadurecimento da pessoa humana.

O cristianismo mostra a face de Deus através da pessoa e humanidade de Jesus. Não conseguir ou não sentir o amor vindo de dentro e do outro é distanciar-se da experiência do amor de Deus por nós.

A experiência boa vivida pelo bebê com sua mãe é uma das grandes portas às experiências intermináveis, que a pessoa humana fará com o sagrado.

Alguns religiosos podem estar fixados na ânsia de amar o próximo, porém urge a necessidade de sentirem-se verdadeiramente amados.

José Del-Fraro Filho. Médico, Psiquiatra e Psicanalista.
Membro da Pastoral da Criança - BH/MG e do
Instituto Terapêutico Acolher (ITA) - SP.
Coordenador da Clínica CRER - MG (Clínica de
atendimento a religiosos em Minas Gerais).

Endereço do autor:

Rua Gonçalves Dias, 1763 apto. 1301
Bairro Lourdes
301401-092 Belo Horizonte - MG
clinicafraro@planetarium.com.br

Fundadores e Fundadoras: Homens e Mulheres de Igreja ao Serviço do Reino

MARIA CARMELITA DE FREITAS

A grande tradição da Vida Religiosa católica desde sempre conheceu a figura preclara de fundadores e de fundadoras, ou seja, de cristãos e cristãs que, em determinados momentos da história, “*quiseram seguir Jesus*” e começaram um caminho de seguimento capaz de desencadear uma história cristã, dando a esse seguimento o caráter de experiência pessoal e grupal, a partir de certas peculiaridades de vida evangélica¹. A hierarquia da Igreja sempre reconheceu a legitimidade e a positividade desse fato e o povo de Deus, em seu conjunto, soube acolher e abrir espaço para essa experiência. Por sua vez, os fundadores e as fundadoras foram sempre zelosos da eclesialidade de seus carismas.

Na prática da Igreja e na história da própria Vida Religiosa se teve como elementos conformativos dessa vocação o **chamado** a seguir Jesus incondicionalmente, a **força convocatória** desse chamado, a **intuição profética** de abrir caminhos históricos de seguimento em consonância com as circunstâncias do tempo e do lugar, o **envio em missão** ao mundo como servidores do Reino, a **consistência eclesial**, o profundo **sentido de comunhão** com todo o povo de Deus.

Isso permite compreender os fundadores e fundadoras como **homens e mulheres de Igreja, ao serviço do Reino de Deus**, e como tais, **parábolas vivas do Evangelho e profetas da nova humanidade**.

Homens e Mulheres de Igreja

A Igreja realiza e continua visivelmente no mundo o mistério da salvação. “É em Cristo como um sacramento, ou seja, sinal e instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG, 1). Ter deixado clara essa verdade sobre a Igreja como sinal e servidora da salvação de Deus é, sem dúvida, uma das grandes contribuições do Vaticano II em termos eclesiológicos.

É nessa perspectiva eclesiológica do concílio que a Vida Religiosa se compreende cada vez mais como um carisma ao serviço do Reino de Deus, dentro da comunidade eclesial. Pertence não à estrutura hierárquica mas à vida e à santidade da Igreja, portanto à sua natureza sacramental mais profunda. Não é somente teoria nem somente doutrina, é vida, experiência, um fato cristão de relevância indiscutível. Nasce e se desenvolve no húmus fértil da vida do povo de Deus, como dom do Espírito à comunidade eclesial. E como dom, carisma, insere-se no horizonte da gratuidade, da liberdade, da criatividade, da dinamicidade e da profecia. Ao mesmo tempo, como vocação cristã, se autocompreende com forte sentido de pertença ao povo de Deus peregrino, como parte do tecido eclesial.

Foi assim que, desde as origens, se configurou a vocação dos fundadores e fundadoras,

¹ Cf. SOBRINO, Jon. Ressurreição da Verdadeira Igreja. São Paulo, Ed. Loyola, 1982, p 310-311.

com o “êxodo para o deserto” e com as primeiras expressões históricas do monaquismo, no Oriente e no Ocidente. É do meio do povo e com acentuado caráter laical e popular que emergem e ganham vigor esses primeiros grupos de cristãos e cristãs decididos a seguir Jesus, configurando sua vida à do Mestre, por caminhos históricos novos, sob a inspiração e a ação do Espírito, sem repetir modelos clericalizados de vida cristã, que começavam a se impor.

O Vaticano II, no Decreto *Perfectae Caritatis*, se refere a essas origens da Vida Religiosa, afirmando: “Existiram desde os primórdios da Igreja homens e mulheres que se propuseram, para a prática dos conselhos evangélicos, seguir a Cristo com maior liberdade, e imitá-lo mais de perto, e levaram, cada qual a seu modo, vida consagrada a Deus”(PC 1b).

Ainda que o forte viés inovador e questionador dessas formas de vida cristã tenham suscitado nas comunidades e, particularmente na hierarquia, perplexidade e também incompreensão, o fato, enquanto tal, obteve legitimação por parte das autoridades eclesiais, que aprovaram seu *modus vivendi*. Por sua vez, a comunidade eclesial o acolheu

como expressão de sua vitalidade histórica. Estava, assim, desenhada a benéfica e ineludível tensão entre o conhecido e o novo, entre o institucionalizado e a criatividade do carisma. Tensão que percorrerá transversalmente todas as formas e expressões históricas que o carisma da Vida Religiosa assumirá ao longo dos séculos.

As grandes figuras dos fundadores dos primeiros séculos, – Antão, Pacômio, Basílio, Cassiano, Agostinho, Columbano, Bento de Núrsia – são todos eles conscientes da novidade e do caráter carismático de sua experiência, ao mesmo tempo em que da destinação comunitária e eclesial do dom recebido. Encarnam na própria vida essa tensão inevitável e a consideram constitutiva de sua vocação.

Posteriormente, essa mesma liberdade carismática se manifestará na experiência fundante de Francisco de Assis e de Domingos de Gusmão, quando se inicia um novo ciclo da Vida Religiosa no século XIII – a assim chamada “volta ao Evangelho” – que culmina no nascimento das Ordens Mendicantes.

O *poverello* de Assis converter-se-á no ícone dessa nova aventura suscitada pelo Espírito,

dessa nova experiência do Evangelho vivido *sine gloria*, desse caminho de seguimento de caráter fortemente utópico e questionador de estruturas sociais e eclesiais vigentes então. Porém Francisco de Assis será conhecido também por seu devotamento à Igreja e por sua obediência à hierarquia, particularmente nos momentos cruciais para o futuro do movimento que

tinha iniciado na Igreja. A eclesialidade é reconhecidamente uma característica essencial da novidade do franciscanismo. “O irmão (*fraticello*) foi mais que um contestador e um não-conformista, foi um revolucionário radical e, ao mesmo tempo, viveu a obediência de maneira heróica como forma total de despojamento para com a Igreja

É do meio do povo e com acentuado caráter laical e popular que emergem e ganham vigor esses primeiros grupos de cristãos e cristãs decididos a seguir Jesus...

institucional"². Encarnou a antítese do projeto dominante da Igreja. Ao *Evangelho do poder* contrapôs o *poder do Evangelho*. Porém entendeu sempre a sua vocação como serviço à Igreja e não em oposição a ela. Depois do episódio de São Damião, dedicou sua vida a *reconstruir a Igreja em ruínas*, porém não precisamente a partir do poder, mas a partir do não-poder e do seguimento de Jesus pobre e humilde, a partir do não-conformismo evangélico³.

Três séculos mais tarde, a figura de Inácio de Loyola se torna também símbolo da mesma experiência tensional: total devotamento à Igreja e a seus pastores e sérias dificuldades com a hierarquia na hora de conseguir levar adiante seu plano de fundar a Companhia de Jesus e dar prosseguimento a sua obra. Inspirando-se na vida dos doze apóstolos, Inácio se sentiu chamado a constituir na Igreja um corpo apostólico, congregado no seguimento de Jesus, porém vivendo em dispersão e diáspora, para o *bem e proveito dos próximos*. Precisamente em função desse serviço ao mundo, a forma de Vida Religiosa proposta por ele não se adequava ao modelo monástico que se generalizara na Igreja de então, nem sequer ao modelo das ordens mendicantes. A novidade e a originalidade de sua intuição levaram-no a conhecer a contradição e até a suspeita em vários momentos de seu itinerário de fundador. Sua expressão *sentire cum ecclesia* está carregada de profunda cons-

"O irmão (*fraticello*) foi mais que um contestador e um não-conformista, foi um revolucionário radical e, ao mesmo tempo, viveu a obediência de maneira heróica como forma total de despojamento para com a Igreja institucional"

ciência de pertença eclesial em sua totalidade: – pertença ao povo de Deus, em comunhão irrestrita com a Igreja instituição. Traduzida em termos de hoje expressaria seja o sentir com a Igreja na hierarquia, seja o sentir com a Igreja encarnada nos pobres.

Algo parecido, ainda que em outro contexto social e eclesial, veio de Luísa de Marillac, com sua nova visão de Vida Consagrada fe-

minina e suas dificuldades com a hierarquia humilde e tenazmente suportadas. Para salvaguardar a originalidade de seu carisma, teve que estabelecer desde o começo que *"não são religiosas, que não têm outro monastério que a casa dos enfermos, que seu claustro são ruas da cidade"*.

Recentemente os exemplos se multiplicam. A historiografia da Vida Religiosa moderna oferece um amplo relato de encarnações históricas concretas da tensão liberdade carismática/obediência eclesial na vida de fundadores e das fundadoras e de suas Ordens e Congregações.

Tudo isso permite afirmar que a consciência eclesial dos fundadores e das fundadoras e o forte sentido de pertença ao corpo eclesial em sua totalidade coexistiram sempre com a certeza do caráter carismático de sua vocação na Igreja. Essa mesma consciência gerou neles a clara percepção da dimensão tensional de sua experiência espiritual, oriunda precisamente da indissolubilidade intrínseca dessas duas vertentes constitutivas de seu ser de fundadores

² Boff, Leonardo. São Francisco de Assis: Ternura e vigor. Uma leitura a partir dos pobres. Petrópolis, Vozes, 1981, p 135.

³ Cf. Idem, p 142 ss.

e de fundadoras. Não foi menor a consciência de que tal tensão é condição de vitalidade histórica de seus carismas. Quanto mais enraizados no solo dadivoso do povo de Deus e mais ao serviço desse povo, quanto mais dialógicos e proféticos em relação com a Igreja instituição mais possibilidades terão de produzir frutos para a vida do mundo.

Por outro lado, a história dos fundadores e das fundadoras demonstra que a Vida Religiosa conheceu momentos de dolorosos conflitos gerados por essa bipolaridade carisma fundacional/instituição eclesial. "José de Calasanz foi deposto por Urbano VIII, julgado pelo Santo Ofício e seu Instituto reduzido a simples federação de casas. Um Papa dividiu o Instituto de Afonso de Ligório e nomeou outro superior geral para as casas situadas nos Estados Pontifícios. A Propaganda Fide destruiu o Instituto de Mary Ward, encarceraram-na na Alemanha e ela morreu na Inglaterra sem poder realizar seus projetos. O Arcebispo de Munique reduziu o Instituto de Maria Teresa Gerhardinger a uma série de casas autônomas submetidas a várias cúrias. Um documento da Santa Sé reconheceu estes sofrimentos causados pelos pastores da Igreja a alguns fundadores, interpretando-os como efeito da novidade do carisma, difícil de aceitar a princípio (o que é claro no caso de Mary Ward e Maria Teresa Gerhardinger) e pelas conexões entre carisma

Toda intenção de identificação entre Igreja e Reino de Deus é uma distorção da verdade teológica da Igreja.

e cruz"⁴. Em termos evangélicos é a verificação histórica da palavra de Jesus: "se o grão de trigo não morrer, ficará sozinho. Porém se morrer, produzirá muito fruto".

Servidores do Reino

A Igreja realiza sua sacramentalidade histórico-salvífica anunciando e fazendo acontecer o Reino de Deus na história e na medida em que está ao serviço desse Reino proclamado por Jesus de Nazaré. Por isso a articulação correta Reino de Deus/Igreja é essencial para a adequada compreensão da Igreja e de sua missão no mundo. Toda intenção de identificação entre Igreja e Reino de Deus é uma distorção da verdade teológica da Igreja. Ao contrário, a permanente conversão da Igreja ao Reino é o que garante à Igreja a sua fidelidade ao seu ser mais íntimo: – sinal e servidora da salvação de Deus. "A necessária institucionalização da Igreja só evitará a mundanização secularista se estiver em permanente conversão de Igreja para Reino"⁵. Um Reino a que não pode substituir, com que não se identifica, e a que deve se submeter.

Por outro lado e segundo a doutrina do Vaticano II, antes de ser instituição, hierarquia, sociedade, a Igreja é um povo animado pelo Espírito e congregado no seguimento de Jesus,

⁴ Juan Manoel Lozano. Fundador. In: Angel Aparicio Rodríguez y Joan Canals Casas. Diccionario Teológico de la Vida Consagrada. Madrid, Publicaciones Claretianas, 1989, p. 763. O documento mencionado pelo autor é MR I, n. 3.

⁵ Ellacuría, I. Conversión de la Iglesia al Reino de Deus. Para anunciarlo y realizarlo en la Historia. Santander, 1984, p. 7.

um povo que peregrina na história e que só encontra sua identidade enquanto configura-se segundo as exigências do Reino (cf LG 3). Reino de Deus e povo de Deus são dois conceitos inseparáveis.

O conteúdo do Evangelho de Jesus foi, historicamente, a aproximação do Reino de Deus. Segundo os textos do Novo Testamento, o anúncio desse Reino constituiu o núcleo central da Boa Notícia de Jesus. Precisamente a partir desse anúncio, o conjunto da pregação de Jesus adquire seu fundamento, seu sentido e sua urgência. Tudo está subordinado a ele. É a noção do Reino de Deus que leva a compreender Aquele que o anuncia. A frase de Marcos: "o Reino de Deus está próximo" (Mc 1,15) – ao mesmo tempo em que representa na tradição sinótica a única tematização sintetizada do conjunto do anúncio de Jesus, representa também uma clara expressão da centralidade desse anúncio⁶.

De acordo ainda com os textos neotestamentários, o Reino se caracteriza como realidade paradoxal e desconcertante. Contrariando expectativas habituais do judaísmo antigo, seus destinatários privilegiados são os pobres. Deixados à margem da sociedade civil e religiosa por um sistema social injusto, os pobres vão estar no centro do anúncio do Reino de Deus feito por Jesus. Na sinagoga de Nazareth, Jesus se apresenta como o Messias que vem realizar as esperanças dos pobres, suscitadas e alimentadas pelos profetas ao

longo dos séculos. Esta é a compreensão dos pobres como privilegiados do Reino de Deus anunciado por Jesus que subjaz aos textos das Bem-aventuranças. Estas são Boa Nova – Evangelho – em primeiro lugar para os pobres⁷.

A Vida Religiosa como vocação cristã trata de recriar a prática de Jesus, prolongando na história a parábola existencial do Reino.

A Vida Religiosa como vocação cristã trata de recriar a prática de Jesus, prolongando na história a parábola existencial do Reino. Na vida dos fundadores e das fundadoras a referência ao Reino é constitutiva, e o serviço aos pobres como primeiros destinatários desse

Reino, uma constante. Por outro lado, fundadores e fundadoras são homens e mulheres de seu tempo e como tais não escapam da influência dos condicionamentos de seu contexto sócio-ecclesial. O grande diferencial desses homens e dessas mulheres é a capacidade de ir além dos limites da época e do contexto histórico, de intuir o novo e o diferente, de *sonhar* e abrir caminhos. Posicionados incondicionalmente no horizonte do Reino, são extremamente sensíveis à proposta salvífico-transformadora que o Reino de Deus anunciado por Jesus introduz na história. Deixam-se seduzir por suas utopias e guiar por seus critérios. Não existem dicotomias entre a graça carismática que encarnam e o serviço ao Reino, sob suas múltiplas expressões.

Em sua encíclica "Deus é Amor", Bento XVI recorda a importância que o amor e o serviço ao próximo sempre teve na grande Tradição da Vida Religiosa, particularmente ao mais necessitado, na perspectiva do Reino e indissolavelmente

⁶ Cf. DUPONT J., Los pobres y la pobreza en los Evangelhos y en los Fatos. In: La Pobreza evangélica hoy. CLAR, Bogotá 1971, p. 27.

⁷ Cf. NEUTZLING, Ignacio. O Reino de Deus e os pobres. São Paulo, Ed. Loyola, 1986 p. 67-70.

associado ao amor a Deus: "todo o movimento monástico, desde suas origens com Santo Antão, expressa um imenso serviço de caridade para com o próximo. No encontro face a face com aquele Deus que é amor, o monge sente a exigência de transformar toda a sua vida em serviço ao próximo. Assim se explicam as grandes estruturas de acolhida e serviço que surgiram ao lado dos mosteiros. Do mesmo modo se explicam as extraordinárias iniciativas de promoção humana e de formação cristã destinadas prioritariamente aos mais pobres e das quais se ocuparam primeiramente as ordens monásticas e mendicantes e, depois, os vários Institutos religiosos mascu-

linos e femininos ao longo de toda a história da Igreja. Figuras de santos como Francisco de Assis, Inácio de Loyola, João de Deus, Camilo de Lélis, Vicente de Paulo, Luísa de Marillac, José Cotelengo, João Bosco, Luís Orione, Teresa de Calcutá permanecem como modelos insígnies de caridade social para todos os homens de boa vontade".

Nessa perspectiva sobressai a figura de Francisco de Assis. Inovando em relação ao modelo monástico, deu origem na Igreja a uma Vida Religiosa no meio do povo, onde a cela é o mundo, os confrades são todos os homens, principalmente os pobres. Quer que os *irmãos (fratelli)* peregrinem pelos vilarejos, dois a dois, anunciando o Evangelho sem comentários, vivendo do trabalho de cada dia,⁸

⁸ Cf. Boff, Leonardo; obra citada, p. 138-139.

⁹ Testamento, 1.

servidores fiéis do Evangelho e dos pobres. O serviço aos leprosos era, para ele, a expressão mais forte de sua conversão aos pobres. No seu Testamento mandou escrever: "O próprio Senhor me conduziu a eles e teve misericórdia deles"⁹.

Em sua encíclica "Deus é Amor", Bento XVI recorda a importância que o amor e o serviço ao próximo sempre teve na grande Tradição da Vida Religiosa, particularmente ao mais necessitado...

Parábolas vivas do Evangelho

"O cristianismo está atualmente fora da Igreja". Esta afirmação do sociólogo francês M. Gauchet em seu livro - *Le Désenchantment du monde* (Paris-Gallimard, 1981) - é provocatória, ambígua e certamente polêmica. Tem, entretanto, o mérito de des-

pertar para uma instigante questão de fundo: com qual instância o cristão se identifica? Onde encontrar a verdadeira fonte de identificação? Para o referido autor a identificação cristã se desviou da Igreja porque a Igreja se desviou da lógica cristã. Essa discussão, colocada mais uma vez em destaque no contexto de pós-modernidade, não é nova. De uma forma ou de outra, incomodou a consciência cristã, sobretudo nos últimos séculos, e principalmente no contexto de primeiro mundo.

Todavia, como observa Christian Duquoc, "ninguém concede a identidade do outro, esta é tarefa sempre inacabada". A identidade não existe em abstrato, em tese, ela é conversão, portanto, processo. Converter-se, porém, não significa aderir a modelos fixos e pré-

estabelecidos. O Evangelho não é exatamente um modelo, nem a imitação formal de Jesus, de um ideal. Fundadores e fundadoras tiveram sempre uma consciência muito forte desta realidade. Por isso mesmo mais que *imitadores* de Jesus, são considerados *parábolas vivas* do Evangelho, iniciadores de caminhos novos de vida evangélica na liberdade do Espírito. Inevitáveis situações de tensão e até de conflito com o institucional na Igreja pelas quais tiveram que passar se explicam a partir dessa característica de seu ser de fundadores. Nessa perspectiva, as figuras de Francisco de Assis, de Domingos de Gusmão, de Inácio de Loyola e, mais recentemente, de Charles de Foulcaud e da Irmã Magdalena de Jesus são fascinantes.

Francisco de Assis sofreu, sem dúvida, a influência dos movimentos religiosos de sua época que pretendiam viver a vida *apostólica e evangélica* com grande radicalidade. É possível, porém, perceber uma característica própria de Francisco. "Seu carisma pessoal consistiu em propor-se, com todas as forças de sua alma, a viver segundo o santo Evangelho. A novidade do *Poverello* não está em tentar viver a radicalidade evangélica. Francisco queria *reproduzir e representar* a vida de Jesus. Daí sua insistência na literalidade e na recusa a toda e qualquer interpretação do Evangelho, o cerne de sua preocupação"¹⁰. Francisco aspirava a ser *parábola viva do Evangelho*.

O Evangelho não é exatamente um modelo, nem a imitação formal de Jesus, de um ideal. Fundadores e fundadoras tiveram sempre uma consciência muito forte desta realidade.

Em outro momento histórico, – século XX – no meio das grandes mudanças provocadas no mundo pelo que se convencionou chamar uma mudança de época, a Irmã Magdalena de Jesus se converte também em *parábola viva do Evangelho*. Sua experiência parte de uma irresistível

paixão por Jesus de Nazaré e por seu desejo ardente de "resgatar o mais puro que havia na tradição da Vida Religiosa: o direito à alegria de levar a sério o Evangelho. O novo era o mais antigo: a volta ao Evangelho sem interpretações"¹¹. É nessa perspectiva que ela entende o que seja "*gritar o Evangelho com a vida*". A plasticidade da expressão lembra Francisco de Assis quando afirma querer *representar* a vida de Jesus. Ambos aspiravam ser na comunidade eclesial e no mundo *parábolas do Evangelho*, visibilização, transparência do Evangelho, feito carne em sua própria carne.

Profetas da nova humanidade

O profetismo é constitutivo da vida da Igreja. Está ligado à tradição dos profetas do Antigo Testamento e a Jesus o *profeta escatológico*, o *profeta poderoso em palavras e ações*, o profeta que anuncia a chegada do Reino e denuncia vigorosamente todas as estruturas sociais e religiosas de seu tempo, que se erigem em oposição ou negação do Reino. À semelhança dos

¹⁰ Boff, L. Obra citada, p. 40.

¹¹ Palácio, Carlos. A força da fragilidade. In *Convergência*, 391, 2006, p.170-171.

profetas bíblicos e de Jesus, os profetas de ontem e de hoje, têm que suportar a contradição e o conflito não somente na sociedade, mas também em sua relação com a Igreja institucional e, às vezes, dentro da própria comunidade eclesial.

Isto é certo também para a Vida Religiosa. O carisma de todo fundador e de toda fundadora carrega sempre uma forte carga de utopia, de *sonhos*. Sonhos que estão sempre relacionados com a vida, com o amor, com a paz, com a justiça, com a história, com a humanidade com suas angústias e esperanças, em uma palavra, com os ideais e os critérios do Reino anunciado por Jesus. Todos eles e todas elas ambicionam fazer o Reino acontecer no pó da história. Querem tecer relações novas de fraternidade universal, no

solo concreto de seu tempo e de seu contexto, dando origem a uma enorme rede de solidariedade e de libertação, em função particularmente dos pequenos e indefesos. Sonham ultrapassar fronteiras geográficas e ideológicas, superar limites de tempo e de espaço, chegar a ser a voz dos sem voz, que foram calados pelo poder político, econômico ou religioso. Querem abraçar o cosmos e ver germinar sementes de nova humanidade, um *"outro mundo possível"*.

Por outro lado, estão conscientes de que a fé em Cristo e no Evangelho e a atuação dos cristãos e da própria Igreja institucional sempre tiveram repercussões políticas. Por atos ou omissões, pela convivência com um ou outro grupo social, a Igreja sempre teve influência na configuração política e econômica da sociedade.

O carisma de todo fundador e de toda fundadora carrega sempre uma forte carga de utopia, de *sonhos*.

A pura neutralidade política não existe. E esta possível cumplicidade com estruturas injustas e excludentes inquieta a sua consciência ética.

Por causa desta dimensão utópica e profética de sua vocação, alguns foram considerados visionários, inquietos, surrealistas, loucos. Inácio de Loyola esteve sob suspeita e chegou a ser preso porque ambicionava coisas impossíveis para um laico iletrado, turbava os espíritos com suas novas doutrinas e causava preocupação em determinadas instâncias eclesiais com seu inquieto afã evangelizador. Cotolengo foi considerado temerário por seu *sonho* de abarcar com a sua obra toda forma de sofrimento e miséria humana. Francisco de Assis foi tido como louco e ele mesmo reconhece isso, dizendo literalmente:

*"O Senhor me disse que queria que eu fosse um novo louco no mundo"*¹². Tal loucura, porém, está na raiz de um novo "modelo" de relacionamento entre as pessoas, com o mundo, com a natureza e com o cosmos, e cria condições para uma nova sociedade e um novo mundo. E isto é um elemento central na vida de Francisco e no legado que Ele deixou para a humanidade.

No pobre de Assis essa atitude profética tem características bem peculiares e resume o Evangelho. Está inscrita em sua maneira de se situar na sociedade e na Igreja de sua época, e tem, por sua vez, um alcance amplo na história: "Frente ao sistema feudal, centrado nos *maiores*, Francisco se apresenta como *menor* e quer que a sua ordem se chame dos *frades*

¹²Legenda Perugina, 114. Espelho da Perfeição, 119.

menores. Diante da burguesia organizada em base a riqueza, propõe o ideal da pobreza radical e da renúncia ao uso do dinheiro. Diante da Igreja sob a hegemonia do *sacerdotium*, apresenta-se como leigo¹³. Em sua maneira de viver e de se situar no mundo, ganha forma e figura a *profecia da nova humanidade*, a utopia de uma sociedade sem exclusões, de uma Igreja-serviço e misericórdia. Sua profecia abre caminhos inesperados para a verdadeira fraternidade universal e cósmica, e continua

desafiando a consciência da comunidade eclesial e dos homens de boa vontade até hoje. Então, a grande pergunta é: *"Temos ouvidos para ouvir?"*

Maria Carmelita de Freitas, FI é Religiosa Filha de Jesus, brasileira, Teóloga, Presidente da SOTER (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião do Brasil).

Endereço da autora:

Rua da Bahia, 1432
30160-011 Belo Horizonte - MG

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1 - A partir de que ponto sua comunidade sente que deve reconstruir a VR para o mundo de hoje?
- 2 - De que maneira a coragem do/a seu fundador/a move sua comunidade a enfrentar as dificuldades que surgem?

¹³ Boff, L. Obra citad. P. 113.



CRB

Quadro Programático da CRB 2007-2010

HORIZONTE

Em meio às profundas transformações e grandes desafios que envolvem a humanidade hoje, ouvimos a Palavra de Deus que nos interpela: avancem (Ex 14,15). Acolhemos esta Palavra como discípulas e discípulos de Jesus Cristo, na mística da encarnação e no testemunho profético a serviço da vida, especialmente a dos pobres e excluídos, partilhando, com espírito missionário, a razão de nossa esperança (1 Pd 3,15).

PRIORIDADES

1. Reafirmar o compromisso da VRC no serviço à vida, diante das grandes questões sociais e ambientais; e fortalecer a inserção nos meios populares e em novos espaços de solidariedade e cidadania.
2. Cultivar uma espiritualidade encarnada e profética, centrada na Palavra de Deus e na mística do discipulado, aberta à diversidade cultural, religiosa e de gênero.
3. Dinamizar a formação inicial e continuada diante da mudança de época, de forma integral, humanizante e geradora de novas relações.
4. Ampliar as alianças intercongregacionais, as redes e parcerias, na formação e na missão, e intensificar a partilha dos carismas com leigos e leigas.
5. Buscar novas formas de aproximação e presença junto às juventudes.